

ANO 6 - NÚMERO 81 - JUL 2021

# Xapuri

SOCIOAMBIENTAL

R\$ 15



# TERRA INDÍGENA FICA!

p. 08

## **BIODIVERSIDADE**

Cágado: o antióbvio

p. 15

## **RESISTÊNCIA**

Geração 68: Nós que amamos tanto a Revolução

p. 32

## **UNIVERSO FEMININO**

Elizabeth Teixeira: Eu continuo na luta

p. 48



**DOE AGORA E AJUDE A MUDAR A REALIDADE  
DE CENTENAS DE PESSOAS EM BELÁGUA (MA)**



**APONTE A CÂMERA DO  
SEU CELULAR PARA O  
QR CODE AO LADO E  
DOE!**

**SUA DOAÇÃO FAZ TODA  
DIFERENÇA!**



**SUA DOAÇÃO AJUDARÁ NA  
IMPLANTAÇÃO DE MELHORIAS  
E APERFEIÇOAMENTO DOS  
PROJETOS DO MOVIMENTO  
SOLIDÁRIO EM BELÁGUA/MA.  
CADA AÇÃO ESTÁ  
DIRETAMENTE LIGADA À  
QUALIDADE DE VIDA E  
DESENVOLVIMENTO DAS 30  
COMUNIDADES ASSISTIDAS  
PELO PROGRAMA. TORNE-SE  
UM AGENTE TRANSFORMADOR  
NA VIDA DOS QUE MAIS  
NECESSITAM. DOE!**

ACESSE:

[WWW.FENAE.ORG.BR/MOVIMENTOSOLIDARIO](http://WWW.FENAE.ORG.BR/MOVIMENTOSOLIDARIO)



**Movimento  
Solidário**

 FENAE  APCEF

“ **Andar com fé eu vou  
Que a fé não costuma faia** ”

Gilberto Gil

## COLABORADORES/AS - JULHO

**Altair Sales Barbosa** – Arqueólogo. **Ana Paula Sabino** – Jornalista. **Davi Kopenawa Yanomami** – Líder Indígena. **Eduardo Galeano** – Escritor (*in memoriam*). **Emir Sader** – Sociólogo. **Emir Bocchino** – Designer Gráfico. **Iêda Leal de Souza** – Professora. **Jaime Sautchuk** – Jornalista. **Janaina Faustino** – Gestora Ambiental. **José Gil Barbosa Terceiro** – Folclorista. **José Ribamar Bessa Freire** – Professor. **Leonardo Boff** – Ecoteólogo. **Lúcia Resende** – Professora. **Manoel de Barros** – Poeta (*in memoriam*). **Maria Fernanda Ribeiro** – Jornalista. **Zezé Weiss** – Jornalista.

## CONSELHO EDITORIAL

**Jaime Sautchuk** – Jornalista. **Zezé Weiss** – Jornalista. **Agamenon Torres Viana** – Sindicalista. **Ailton Krenak** – Escritor. **Altair Sales Barbosa** – Arqueólogo. **Ana Paula Sabino** – Jornalista. **Andrea Matos** – Sindicalista. **Ângela Mendes** – Ambientalista. **Antenor Pinheiro** – Jornalista. **Cleiton Silva** – Sindicalista. **Elson Martins** – Jornalista. **Emir Sader** – Sociólogo. **Gomercindo Rodrigues** – Advogado. **Graça Fleury** – Socióloga. **Iêda Leal** – Educadora. **Iolanda Rocha** – Professora. **Jacy Afonso** – Sindicalista. **Jair Pedro Ferreira** – Sindicalista. **Júlia Feitoza Dias** – Historiadora. **Kleitton Moraes** – Sindicalista. **Kretã Kaingang** – Líder Indígena. **Lucélia Santos** – Atriz. **Maria Maria** – Cineasta. **Rosilene Corrêa Lima** – Jornalista. **Samuel Pinheiro Guimarães Neto** – Diplomata. **Trajano Jardim** – Jornalista.



## EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental: Telefone: (61) 99967 7943. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. Edição: Zezé Weiss, Jaime Sautchuk (61) 9 8135 6822. Revisão: Lúcia Resende. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/ GO. Marketing e Responsabilidade Social: Janaina Faustino (61) 9 9611 6826. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: 5.000 exemplares. Circulação: Revista Impressa - Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri.info. Distribuição – Revista Impressa: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.



**E**ntramos no mês de julho com perspectivas sombrias para o futuro dos povos originários do Brasil. Em 29 de junho último, a Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJ) da Câmara dos Deputados, presidida pela deputada bolsonarista Bia Kicis, pautou e aprovou a toque de caixa o Projeto de Lei 490/2007, que vai agora para votação em plenário na Câmara e em seguida será submetido a votação no Senado.

Durante o mês de junho, cerca de 850 lideranças indígenas, representando 48 povos originários, montaram o Acampamento Levante pela Terra em Brasília. Enquanto a bancada ruralista fazia a articulação para a aprovação do PL 490 nos gabinetes do Congresso Nacional, do lado de fora os indígenas foram atacados com bombas, balas de borracha e gás lacrimogêneo pela Polícia Militar do Distrito Federal.

As lideranças acampadas em Brasília esperavam também pela votação da tese do “marco temporal”, que retira os direitos dos povos indígenas, garantidos pela Constituição de 1988. Essa história quem nos conta em matéria de capa é a Ana Paula Sabino, jornalista socioambiental e membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri.

Como sempre, além do cuidado com o *design* gráfico e da revisão primorosa, nossa revista expressa, por meio de suas matérias engajadas, seu inarredável compromisso com a Resistência. Este mês, celebramos a longa vida da líder revolucionária das Ligas Camponesas, Elizabeth Teixeira.

Mas nesta edição 81, preparada com muito carinho pra você, tem ainda mais, muito mais.

Bom Proveito!

**Zezé Weiss e Jaime Sautchuk**

**Editores**





# Mensagens pra Xapuri

**contato@xapuri.info**

*Oil Eu adoro a Revista Xapuri. Virei leitor assíduo. Vocês estão de parabéns!*

**Marcelo Roberto - São Paulo - SP**

*Amei a minha camiseta VIVA O SUS. Fui vacinar com ela.*

*Gratidão, Xapuri, por fortalecer a Resistência.*

**Meg Guimarães - Brasília - DF**

*Gente, vocês estão arrasando com esses podcasts!*

**Maria Helena Schuster - Natal - RN**



## Revista Xapuri

## Imagem do mês

@revistaxapuri

@alessandroisaka

Marque suas melhores fotos do  
Instagram com a hashtag

## #revistaxapuri

Sua foto pode aparecer AQUI!



# Xapuri 81

**SOCIOAMBIENTAL** JUL 21

**08** **CAPA**  
Terra indígena fica!

**23** **GASTRONOMIA**  
Risoto do Cerrado

**15** **BIODIVERSIDADE**  
Cágado: o antióbvio

**24** **CONSCIÊNCIA NEGRA**  
Januário Garcia: Presente!

**18** **AMAZÔNIA**  
Ouro do sangue Yanomami: céu sem lei é controlado por garimpeiros

**28** **CONJUNTURA**  
Viva o SUS! Viva a esfera pública!

**Xapuri** - Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: "Rio antes", ou o que vem antes, o princípio das coisas.

**Boas-Vindas!**

**32** **RESISTÊNCIA**  
Geração 68: Nós que amamos tanto a Revolução

**35** **HISTÓRIA SOCIAL**  
Meu querido inimigo

**38** **MEIO AMBIENTE**  
As crianças foram generosas: desta vez não podemos culpá-las

**43** **SAGRADO INDÍGENA**  
A floresta está viva, só vai morrer se os brancos insistirem em destruí-la

**44** **MITOS E LENDAS**  
O piano que toca sozinho

**46** **SUSTENTABILIDADE**  
O reencontro entre a águia e o condor

**48** **UNIVERSO FEMININO**  
Elizabeth Teixeira: Eu continuo na luta!

# TERRA INDÍGENA FICA!

Ana Paula Sabino







que está em jogo no Brasil hoje é a tentativa de legalização de todas as formas de ataque e abertura dos territórios indígenas para a exploração, a violência e o extermínio.

Uma vez mais, as bancadas do boi, da bíblia e da bala se unem com o objetivo de fazer manobras na Constituição para, com a aprovação do PL 490/2007 no Congresso Nacional, escancarar os territórios tradicionais para empreendimentos predatórios. A palavra de ordem das lideranças é **DEMARCAÇÃO JÁ!**

Agora, no dia 29 de junho, parlamentares da bancada ruralista e aliados do presidente da República aprovaram, na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJ) da Câmara Federal, o projeto de lei que abre caminho para um novo genocídio indígena. Embora inconstitucional, o PL 490/2007 vai agora para votação em plenário na Câmara e em seguida para o Senado.

Enquanto o projeto, pautado pela deputada bolsonarista Bia Kicis, presidenta da CCJ, era votado a toque de caixa na Comissão, cerca de 850 lideranças de 48 povos indígenas montaram acampamento em Brasília para lutar contra a derrubada de seus direitos, garantidos pela Constituição de 1988. Reunidos na Capital Federal desde o dia 8 de junho, os indígenas protestaram, entoando seus cantos sagrados.

"Nossos escudos são nossas maracas e nossa ancestralidade. O Governo recebe o agronegócio pela porta da frente e nós, os indígenas, com bombas de gás, spray de pimenta, balas de borracha, tropa de choque e ódio!", destacaram as lideranças indígenas presentes no Acampamento Levante pela Terra.

No dia 17 de junho, a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib) divulgou o manifesto elaborado pelas lideranças com as reivindicações das bases. Entre as principais pautas da mobilização estavam a luta contra o PL 490, com base na tese do "marco temporal", que ataca os direitos territoriais indígenas e que deve ser votada pelo Supremo Tribunal Federal agora no mês de agosto. Confira o manifesto:

### **MANIFESTO PELO DIREITO À VIDA E AOS TERRITÓRIOS DOS POVOS INDÍGENAS**

Nós, povos indígenas, vivemos em estado de constante ameaça, que nos exige estarmos em permanente vigília e mobilização. Neste momento, junho de 2021, ainda sob as restrições de uma pandemia devastadora que se aproxima de vitimar 500 mil brasileiras e brasileiros, dos quais mais de 1.110 parentes nossos fazem parte, nos vemos obrigados a intensificar as nossas lutas e a amplificar nossa voz de protesto para defender nossos direitos mais básicos: nossas vidas e nossos territórios.

A luta pela vida nos chamou, e nós viemos até Brasília para montar nosso acampamento Levante pela Terra em defesa dos nossos direitos, principalmente territoriais. Voltamos a ocupar os gramados da capital federal depois de dois anos sem mobilizações presenciais, sobretudo o Acampamento Terra Livre (maior assembleia dos povos indígenas do Brasil, que, devido à pandemia de Covid-19 foi realizado virtualmente em 2020 e 2021).

Nossas lideranças que já estão completamente imunizadas com a vacina contra o novo coronavírus se congregam neste momento para ecoar nossos maracás e reafirmar que, em meio à maior emergência sanitária e humanitária dos últimos anos, **Vidas Indígenas Importam.**

Reafirmamos nesse manifesto nossas bandeiras de luta e decretamos nosso **ESTADO PERMANENTE DE MOBILIZAÇÃO.**

### **PELA INTERRUPTÃO IMEDIATA DE QUALQUER MEDIDA ANTI-INDÍGENA NO CONGRESSO NACIONAL!**

1. Retirada definitiva da pauta de votação da CCJ e arquivamento do PL (Projeto de Lei) 490/2007, que ameaça anular as demarcações de terras indígenas;

2. Arquivamento do PL 2633/2020, conhecido como o PL da Grilagem, pois, caso seja aprovado, o projeto vai anistiar grileiros e legalizar o roubo de terras, agravando ainda mais as violências contra os povos indígenas;

3. Arquivamento do PL 984/2019, que pretende cortar o Parque Nacional do Iguaçu e outras Unidades de Conservação com estradas;

4. Arquivamento do PDL 177/2021, que autoriza o Presidente da República a abandonar a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), único tratado internacional ratificado pelo Brasil que aborda de forma específica e abrangente os direitos de povos indígenas;

5. Arquivamento do PL 191/2020, que autoriza a exploração das terras indígenas por grandes projetos de infraestrutura e mineração industrial;

6. Arquivamento do PL 3729/2004, que destrói o licenciamento ambiental e traz grandes retrocessos para a proteção do meio ambiente e para a garantia de direitos das populações atingidas pela degradação ambiental de projetos de infraestrutura, como hidrelétricas.

Esses projetos genocidas e ecocidas se utilizam da pandemia de Covid-19 como cortina de fumaça, fazendo aumentar a violência contra povos indígenas e os conflitos em nossos territórios, inclusive entre parentes. Esses conflitos são alimentados pelo Governo com objetivo de dividir, enfraquecer e desmobilizar os nossos povos,



organizações e lideranças. Saibam que não deixaremos essa estratégia nos sobrepujar!

### **SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL: NOSSOS DIREITOS PRECISAM SER VIGIADOS E PROTEGIDOS!**

O STF julga o caso de repercussão geral sobre demarcações de terras indígenas, o conhecido Recurso Extraordinário (RE) 1.017.365, relacionado com o caso da Terra Indígena Xokleng-La Klanô, do povo Xokleng, em Santa Catarina. O status de “repercussão geral” dado pelo STF ao caso significa que sua resolução servirá de diretriz para o governo federal e todas as instâncias do Judiciário no que diz respeito à demarcação de terras indígenas, além de servir para balizar propostas legislativas que tratam dos direitos territoriais dos povos originários – a exemplo do PL 490, que abre terras indígenas para a exploração predatória e inviabiliza, na prática, novas demarcações.

Este processo encontra-se suspenso por intervenção do ministro Alexandre de Moraes. O STF tem o dever de proteger nosso direito constitucional a nossos territórios! O julgamento deve ser retomado!

Especialmente neste momento de ataques, a voz da Suprema Corte precisa ecoar forte e garantir aos povos Yanomami e Munduruku a retirada de invasores de

suas terras. Essa mesma proteção deve ser estendida a outras cinco Terras Indígenas, também objeto de discussão no STF: Tis Karipuna e Uru-Eu-Wau-Wau, em Rondônia, Kayapó e Trincheira-Bacajá, no Pará, e Araribóia, no Maranhão.

Isto é o que a Apib demanda neste momento, com o devido senso de urgência, às ministras e ministros do Supremo. Fazemos isto por meio deste documento, pelas vozes de nossas lideranças, a partir de nossos territórios em todo o Brasil, e também concentrados no acampamento Levante pela Terra, em Brasília. Também o fazemos judicialmente, no âmbito da Ação de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) 709/2020, de autoria da Apib e de diversas instituições nacionais solidárias aos povos indígenas. Esta ADPF está na pauta do STF e deve ser debatida pelo plenário até 18 de junho.

Pela vida e continuidade histórica dos nossos povos, diga ao povo que avance!

Levante pela Terra

Brasília – DF, 17 de junho de 2021

Apib – Articulação dos Indígenas do Brasil.  
Organizações regionais de base da Apib: APOINME – Articulação dos Povos Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo; ARPIN SUDESTE – Articulação dos Povos Indígenas do Sudeste; ARPINSUL – Articulação dos Povos Indígenas do Sul;

ATY GUASU – Grande Assembleia do povo Guarani; Comissão Guarani Yvyrupa; Conselho do Povo Terena; COIAB – Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira.

### DIREITOS CONSTITUCIONAIS VIOLADOS

Durante a mobilização, as lideranças indígenas também viveram dias intensos. Um grupo de indígenas, incluindo crianças e idosos, foi agredido pela polícia durante uma pacífica manifestação contra a tramitação do PL 490. Os atentados aconteceram no estacionamento da Câmara Federal. Houve também o uso de balas de borracha, bombas paralisantes e gás lacrimogêneo contra os indígenas.

A Constituição Federal de 1988 está sendo derrubada para violar direitos dos povos originários. Cada vez mais aumentam os ataques ao meio ambiente. Sabemos que esses ataques não vão parar e que a luta é constante. Os povos originários hoje estão sem muitas escolhas. Ou morrem do vírus ou sucumbem massacrados pela política de morte do Estado brasileiro. É por isso que o movimento indígena continua gritando: Sangue indígena, nem uma gota a mais!

### PROJETO DE LEI 490

O projeto é considerado inconstitucional pelos parlamentares da Frente Parlamentar Mista em Defesa dos Direitos dos Povos Indígenas (FPMDDPI) e inviabiliza a demarcação de terras indígenas. O texto-base foi aprovado recentemente pelo colegiado, por 40 votos a 21.

Deputados da CCJC apresentaram oito destaques ao texto, para tentar retirar da proposta aprovada os pontos mais problemáticos. Todos eles foram rejeitados. A deputada federal Joenia Wapichana (REDE-RR), coordenadora da FPMDDPI, destacou que o PL 490/07 está repleto de vícios constitucionais.

*“Não nos calarão. Podem obstruir a fala, podem fazer palavras de ataques aos povos indígenas, mas nossa resistência de 521 anos demonstra na história do Brasil que os povos indígenas têm resistido”,* afirmou Joenia.

*“O que estamos vendo aqui é um crime”,* disse a deputada Erika Kokay (PT-DF). *“Aí vêm alguns que querem falar pelos povos indígenas, mas não deixam os povos indígenas que estão aqui fora adentrem essa casa”,* criticou a parlamentar.

O PL 490 mobilizou durante o mês de junho lideranças de todas as regiões do Brasil para acompanhar a tramitação.



*“A gente sabe muito bem que há muito tempo se tem o olho de cobiça sobre as terras indígenas, sobre os recursos naturais, sobre o ouro que se tem no solo, no subsolo, se tem essa cobiça porque os povos indígenas protegem o meio ambiente, porque não deixam poluir, não jogam mercúrio nos rios”, disse Joenia. A deputada destacou que o PL 490 deve ser levado para análise do Poder Judiciário. “É um atraso, é um retrocesso, é inconstitucional e nós vamos lutar até as últimas instâncias para que não haja um retrocesso ainda maior”.*

### **MARCO TEMPORAL**

O primeiro destaque votado na CCJ foi um destaque do PT para retirar o marco temporal do texto-base. O destaque visava retirar o seguinte trecho do relatório aprovado na semana passada:

Art. 4º. São terras tradicionalmente ocupadas pelos indígenas brasileiros aquelas que, na data da promulgação da Constituição Federal de 1988, eram simultaneamente:

- I – por eles habitadas em caráter permanente;
- II – utilizadas para suas atividades produtivas;
- III – imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar;
- IV – necessárias à sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições.

A tese do marco temporal determina que apenas têm direito às terras indígenas os povos que estivessem nela na data da promulgação da Constituição, em outubro de 1988. Os povos indígenas consideram a tese injusta porque ela desconsidera expulsões forçadas, entre outros problemas.

Na quarta-feira, 30 de junho, o Supremo Tribunal Federal (STF) retirou de pauta e adiou para agosto um julgamento sobre a validade da tese do marco temporal. Na CCJ da Câmara, porém, o marco temporal foi mantido no texto do PL 490, por 35 votos a 21.

### **OUTROS PONTOS SOBRE A DEMARCAÇÃO DE TERRAS INDÍGENAS**

O segundo destaque analisado na CCJ buscava retirar do texto-base o Artigo 13, que diz o seguinte:

Art. 13. É vedada a ampliação de terras indígenas já demarcadas.

Os deputados da FPMDDPI alegam que o dispositivo impede a correção de demarcações injustas, mesmo que reconhecidas pela Justiça. O destaque, porém, foi rejeitado por 40 votos a 19 na CCJ.

O PT também apresentou um destaque para suprimir do texto-base o Artigo 14, que diz o seguinte:

Art. 14. Os processos administrativos de demarcação de terras indígenas ainda não concluídos serão adequados ao disposto nesta Lei.

Os deputados petistas alegam que o dispositivo vai gerar insegurança jurídica e violar a estabilidade de relações já consolidadas. Além disso, os deputados argumentam que o artigo abre espaço para interpretações que podem produzir retrocessos sobre processos de demarcação já consolidados ou em andamento. O destaque foi rejeitado por 37 votos a 20.

### **RETOMADA DAS TERRAS JÁ DEMARCADAS**

A oposição também tentou retirar do PL 490/07 um trecho que permite que áreas indígenas hoje consolidadas possam ser, de forma subjetiva, retiradas dos povos indígenas. O destaque previa retirar do texto-base aprovado o parágrafo 4.º do Artigo 16:

Art. 16. São áreas indígenas reservadas as destinadas pela União à posse e ocupação por comunidades indígenas, de forma a garantir sua subsistência digna e preservação de sua cultura.

Os deputados ressaltaram o princípio do não retrocesso como argumento para retirar o dispositivo do texto. O destaque foi rejeitado por 39 votos a 19 e o texto permanece como foi aprovado na semana passada.

Os parlamentares também tentaram retirar o inciso I do parágrafo 4º do Artigo 16:

I – retomá-la, dando-lhe outra destinação de interesse público ou social;

Esse destaque foi rejeitado por 40 votos a 21.

### **EMPREENDIMENTOS PREDATÓRIOS**

A oposição também tentou retirar um dispositivo que permite a implantação de hidrelétricas, mineração, estradas e arrendamentos, entre outros, eliminando a consulta livre prévia e informada às comunidades afetadas. O destaque pretendia retirar do texto o parágrafo único do Artigo 21:

A instalação de bases, unidades e postos militares e demais intervenções militares, a expansão estratégica da malha viária, a exploração de alternativas energéticas de cunho estratégico e o resguardo das riquezas de cunho estratégico serão implementados independentemente de consulta às comunidades indígenas envolvidas ou ao órgão indigenista federal competente.

A oposição argumenta que o dispositivo viola a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que prevê a consulta livre prévia e informada às comunidades afetadas. O destaque foi rejeitado por 34 votos a 21.



## INVASÃO DE NÃO INDÍGENAS

Outro destaque apresentado pela oposição foi ao inciso V do Artigo 25 do texto-base:

Art. 25. O ingresso de não indígenas em áreas indígenas poderá ser feito: V – por pessoas em trânsito, no caso da existência de rodovias ou outros meios públicos para passagem.

Os deputados da oposição alegam que o dispositivo abre possibilidade para a entrada de exploradores ilegais em terras indígenas, como garimpeiros, madeireiros e grileiros. O destaque foi rejeitado pela CCJ por 39 votos a 19.

Os deputados da oposição também tentaram retirar do texto o Artigo 27, que escancara as terras indígenas para atividades predatórias, como o garimpo, a mineração e a exploração de madeira.

Art. 27. É facultado o exercício de atividades econômicas em terras indígenas, desde que pela própria comunidade, admitida a cooperação e contratação de terceiros não-indígenas. O destaque foi rejeitado por 39 votos a 19.

## MARCO TEMPORAL NO SUPREMO

O Supremo Tribunal Federal (STF) iniciaria, dia 30, o julgamento que definirá o futuro das demarcações das Terras Indígenas (TIs) no Brasil. Esse é o julgamento mais importante para os povos indígenas nas últimas três décadas e foi adiado para 25 de agosto.

O STF vai analisar a ação de reintegração de posse movida pelo governo de Santa Catarina contra os povos Xokleng, Guarani e Kaingang, relativa a uma área pertencente à TI Ibirama-Laklanõ. Em 2019, o STF deu status de “repercussão geral” ao processo, o que significa que a decisão sobre ele servirá de diretriz para a gestão federal e todas as instâncias da Justiça no que diz respeito aos procedimentos demarcatórios.

O “marco temporal” é uma interpretação defendida por ruralistas e setores interessados na exploração das TIs que restringe os direitos constitucionais dos povos indígenas. De acordo com ela, essas populações só teriam direito à terra se estivessem sob sua posse no dia 5 de outubro

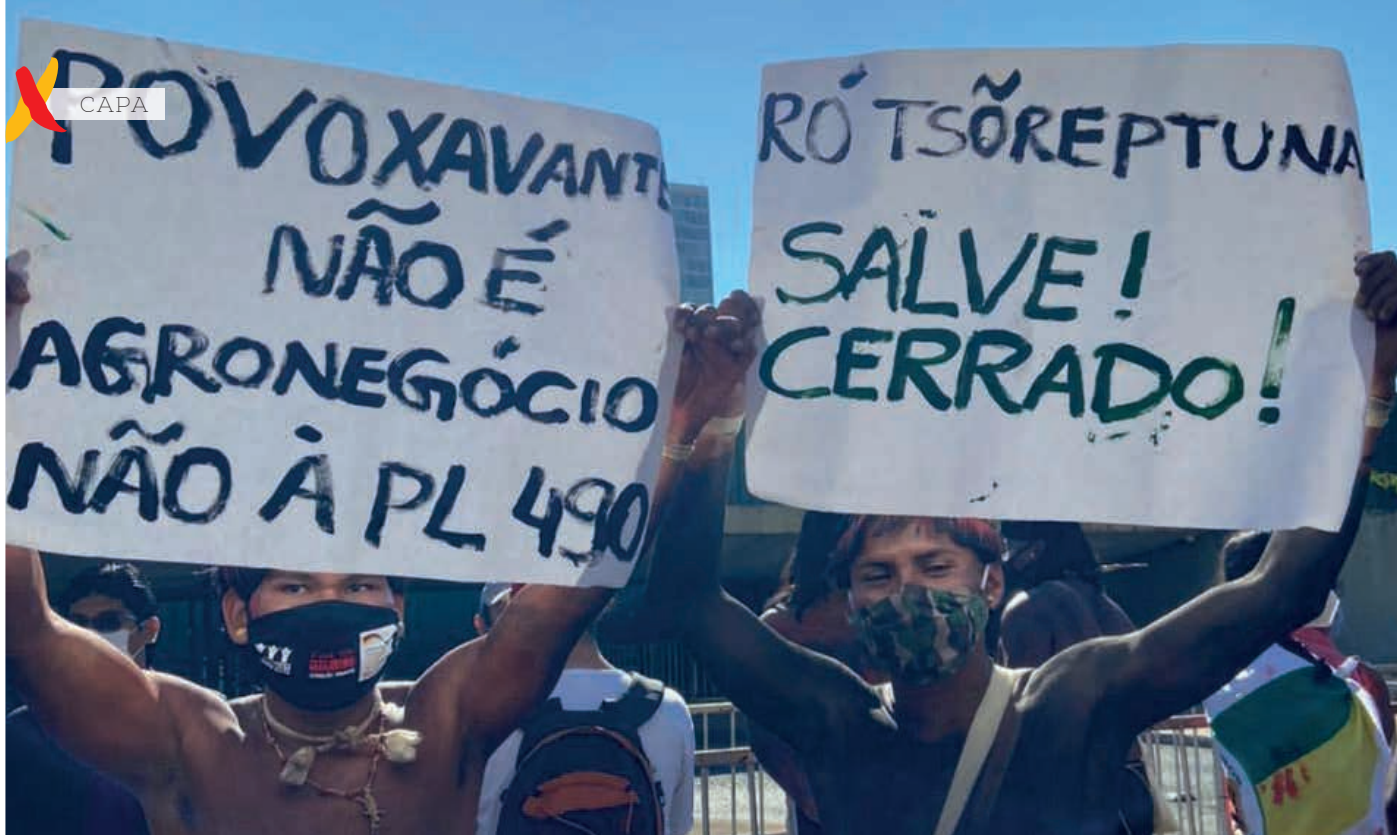


Foto: Marina Oliveira

de 1988, data da promulgação da Constituição. Alternativamente, se não estivessem na terra, precisariam estar em disputa judicial ou em conflito material comprovado pela área na mesma data.

A tese é injusta, porque desconsidera as expulsões, remoções forçadas e todas as violências sofridas pelos indígenas até a promulgação da Constituição. Além disso, ignora o fato de que, até 1988, eles eram tutelados pelo Estado e não podiam entrar na Justiça de forma independente para lutar por seus direitos.

*“A gente espera que o Supremo possa adotar uma interpretação mais justa, razoável, e que possa ajudar a efetivar direitos. E não mais utilizar, por exemplo, a tese do marco temporal, para limitar o reconhecimento de direitos a nós, povos indígenas, o que já vem acontecendo nos últimos dez anos”, afirma Samara Pataxó, advogada da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib).*

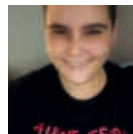
*“Então, esse processo se torna importante porque ele vai desenhar o contorno, o entendimento da posse, do direito dos povos indígenas aos seus territórios. Mas também pode fortalecer a nossa luta nesse enfrentamento com os outros poderes, que utilizam do marco temporal como um critério para restringir direitos para nós, povos indígenas”, complementa.*

*“A demora na demarcação das terras indígenas é muito preocupante. Porque, a cada tempo que se passa, se encontram grandes dificuldades para a demarcação de terra no Brasil. Os povos indígenas precisam ter reconhecidos seus direitos tradicionais”, diz Brasília Priprá, uma das principais lideranças Xokleng. “E nós gostaríamos que fosse julgada a repercussão geral, que fosse a favor, que não se falasse mais em marco temporal”, complementa.*

Priprá reforça que a demarcação das TIs é fundamental não apenas para a sobrevivência dos povos originários, mas para a conservação do meio ambiente e a sustentabilidade de toda a sociedade brasileira. *“[A demarcação é] para que se mantenham as águas, o ar, o meio ambiente melhor do que está hoje. O que nós não podemos é queimar as matas, destruir as matas, destruir as águas, pensando que isso vai trazer algo bom para nós futuramente. Não vai trazer”, conclui.*

Os povos indígenas aguardam por justiça socioambiental e sabem que a decisão tomada nesse julgamento, marcado para começar no dia 25/08, repercutirá sobre todos os povos indígenas do Brasil. A Suprema Corte poderá, assim, dar uma solução definitiva aos conflitos envolvendo terras indígenas no país e garantir justiça para os povos originários.

O líder indígena que esteve à frente do Levante pela Terra, Kretã Kaingang, filho do grande lutador Ângelo Kretã, o primeiro vereador indígena do Brasil, assassinado pelo latifúndio no Paraná no ano de 1980, ficou bastante revoltado com os últimos acontecimentos e diz que eles não têm noção do sofrimento dos povos indígenas, *“não de nós que estamos aqui e sim daqueles que estão nas bases debaixo de uma lona, em uma retomada, até quando eles vão negar os direitos constitucionais?”.* Kretã também promete retomar as mobilizações em agosto junto com a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil.



**Ana Paula Sabino** - Jornalista. Membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri



# CÁGADO: O ANTIÓBVIO

Manoel de Barros



Vê-se que não comeu sebo de égua o cágado. À procura de água, desce o cerrado, no pino do sol, tardoso e raro. É o próprio esquisitão que aprendeu paciência sem cartilha. O invio nato. O antióbvio.

Está ali esse pobre diabo. Desmancha cem anos, dizem, no seu desviver. Pois o suco do amor até hoje ninguém viu escorrer dos seus lábios. Não tem lábios nem artes. Penso no seco do verde quando o encontro. Dá-me a impressão de alguém obscuro que vem de lugar nenhum e vai para nada todos os dias. E penso na voz de chão podre que tem nos seus abismos.

Seu jeito de andar é de quem está chegando de um bueiro. Há sempre sinais de incêndios e de limos na sua casca loteada. E um crespo ardor de chuvas extintas.

Está aí esse indivíduo cágado. Sem poder criar raízes sobre nada. Seu corpo não conhece o espojar-se na terra e nem o frescor das águas. Toma banho de casca e tudo. A mim me parece um castigo alguém não conhecer na carne o frescor de águas correntes.

É cheio de vestígios do começo do mundo, por isso nos parece inacabado. Mas quando metade da terra estava por decidir se seria de pedra ou de água – já estava decidida a sua desforma. E quando ainda ninguém ousava de prever se o inseto nasceria de uma planta ou de uma larva – já

ele estava deformado e pronto. O cágado é pois uma coisa sem margens; feio por igual; feio sem defeito.

Só quando acha no cerrado um ninho de pitangas, exulta-se o cágado. E se nos paus apodrecidos um coró abre para ele suas folhas brancas – aí dança de lado. E deita o pescoço pra fora. E sente os odores do sol.

Agora está aí o pobre cágado. Alguém o trouxe do campo e o largou no quintal, em volta da cozinha, no chão rico de restos de comida e crianças.

No começo os meninos suspenderam o fôlego. Ficaram de longe cubando. Veio a galinha xereta, arrastou asa, mexericou com as outras, arriscou uma bicada no casco, e saiu ciscando como se visse macaco venéreo.

Depois o cachorro, cauto, cheirou o indefinido e foi deitar-se, de guarda. Papagaio espiou e saiu andando de lado. Papagaio quando anda de lado examina. Um garoto estava de cócoras defronte da janelinha do cágado e via a cabeça mover-se obscena.

Logo porém se acostumaram todos. O cágado já comia folhas de alfaca. E os meninos começaram a montar.

Só não conseguiram apertar a chinha!



**Manoel de Barros** – Escritor pantaneiro. Em Livro de Pré-Coisas. Editora Record, 1997.

# PERSISTÊNCIA E ESTRATÉGIA DE LUTA DO SINDICATO GARANTEM PRIORIZAÇÃO DA VACINA

Kleyttton Morais e Fabiana Uehara



A luta dos bancários e bancárias em defesa da saúde e da vida tem sido uma via crucis ao longo de quase um ano e meio dessa pandemia do novo coronavírus. A categoria, a partir do Sindicato, se mobiliza e garante a implementação de ações fundamentais de proteção, por meio de protocolos sanitários que reduzem eventos ou recorrências de situações de risco a todos trabalhadores em bancos, clientes e usuários.

Sem jamais acreditar no bom senso dos banqueiros, mantivemo-nos atentos e denunciámos o ATAQUE ao emprego e aos salários. As ações permitiram que assegurássemos em mesa o compromisso de não demissão imotivada ou descomissionamentos. Combatemos a imposição de realização de visitas

a clientes, a tentativa de flexibilização de protocolos, cobramos a testagem de todos os trabalhadores e a sanitização efetiva das unidades suspeitas ou confirmadas de contaminação. Ainda, exigimos o fim da inércia dos banqueiros em relação à atuação – seja no Parlamento, ou no Executivo – para priorização da vacina aos bancários.

A atuação firme e decisiva das direções sindicais, articuladas no plano local e nacional, reforçou que aqui no DF retirássemos do governador Ibaneis Rocha o compromisso de inclusão dos trabalhadores do sistema financeiro no DF na priorização da vacina.

Concomitante à agenda local, o Comando Nacional dos Bancários, em audiência com o Ministro Marcelo Queiroga,



entrega ofício circunstanciado por relatório médico em que se atesta a situação epidemiológica da categoria bancária e, assim, requer a inclusão dos bancários no Plano Nacional de Imunização contra a Covid-19.

Todavia, quando tudo parece se ajustar de maneira a corrigir a injustiça para com a categoria que, no âmbito da pandemia, foi decretada como de serviço essencial, atua e está exposta na linha de frente durante todo o período, o gosto da vitória aqui no DF é postergado num capítulo mal-informado, em que o GDF, sem explicações formais ao Sindicato, diante de recomendações do Ministério Público, descumpra o compromisso com o Sindicato para a vacinação da categoria.

Nesse impasse, e diante da continuidade dos graves riscos à vida dos trabalhadores e clientes, o SINDICATO sobe o tom da denúncia e convoca a categoria a fortalecer a LUTA. Assembleias, plenárias, audiências, paralisações e atos são intensificados. A opinião pública, sensibilizada em favor do pleito dos bancários, apoia e aplaude, em sentido literal, as ações realizadas pelo Sindicato nas agências. Rodovias, redes sociais, parlamentos, pressão nos bancos e intensa mobilização da categoria se transformam em palco da luta pela vida.

Entendendo que a situação da categoria bancária é a mesma em todo o país e que, igualmente a nós, outras categorias decretadas essenciais estão na linha de frente atuando e por isso expostas ao vírus; também pelo fato de estarmos numa condição privilegiada que possibilita ao Sindicato dos Bancários de Brasília atuar diretamente sobre as estruturas do governo federal e bancos oficiais, propusemos e realizamos ato unificado dos Bancários, Ectetistas e Comerciais no memorável 6 de Julho, na frente do Ministério da Saúde, para reivindicar a inclusão das três categorias na priorização da vacina e, assim, construir uma solução para o impasse que fosse de amplitude nacional.

A PERSISTÊNCIA DA LUTA foi coroada com o ato extremamente exitoso no Ministério, onde, em audiência pública, as lideranças sindicais, diante do Ministro da Saúde, presidentes do BB, CEF e FEBRABAN e Correios, conquistamos a inclusão dos Bancários, demais trabalhadores em bancos e Ectetistas na priorização da vacina contra a Covid-19. Asseguramos, também, o compromisso do Ministério em apreciar a inclusão dos comerciais que atuam em supermercados e farmácias na prioridade da vacinação.

### **LEITURAS DA AUDIÊNCIA: PG, SE LIGUE, A EMPATIA É A SERVIENTIA DA CASA!**

A inusitada agenda com o ministro e o pronunciamento da inclusão da categoria bancária no PNI/PNO também teve suas perplexidades. Quer saber? Então vamos lá!

Dos pronunciamentos dos presidentes do BB e da CEF, pudemos observar o quão opostas foram as falas. Enquanto o que se observou na fala do presidente Fausto Ribeiro, do BB, manifestações eivadas de respeito, responsabilidade e empatia em relação aos familiares das vítimas da Covid entre os funcionários do BB, não se viu isso na conduta do presidente da CEF. Pedro

Guimarães, o eterno viajandão, se esqueceu de onde estava e por que estava: em vez de se desculpar pela omissão e negacionismo que vitimaram centenas de trabalhadores da CEF, preferiu fazer do evento palanque eleitoral pro seu patrão Cida.

Num pronunciamento demorado, que inclusive retirou a oportunidade de fala prevista às lideranças sindicais, conforme acordo com o cerimonial do ministério, Pedro, no arroubo narcísico contumaz, mais se preocupou em falar das suas viagens pelo país e em elogiar o presidente Bolsonaro.

A compulsão pela autopromoção do presidente da Caixa, Pedro Guimarães, vai longe demais. Tanto que praticamente se colocou como responsável pela inclusão da priorização da vacinação dos bancários. A postura correta seria ressentir-se com as famílias dos empregados Caixa pelas vítimas da Covid e envidar todos os esforços para instituir protocolos rígidos de segurança e combate à Covid para todos que estejam dentro da estrutura do banco. Mas nem tudo foi perdido na sua fala; diante das câmeras, do ministro, dos presidentes de instituições e inclusive das direções sindicais, reconheceu a atuação decisiva do movimento sindical na inclusão da categoria bancária no PNO.

Pedro Guimarães teve de admitir que “essa é uma vitória do diálogo e da conversa, por que essa decisão de hoje é uma decisão construída; o Sindicato participou, eu acho que é importante”.

Que bom que ele reconhece isso. Porque nós temos toda certeza de que a vitória da inclusão dos Bancários nacionalmente no Plano Nacional da Operacionalização da Vacina só foi possível pela luta do Sindicato e das demais entidades do movimento sindical, assegurando o desfazimento da injustiça a que esses trabalhadores estão submetidos, que resultou em adoecimento e inclusive centenas de perdas de vida. Fato é que não houve conversa fácil como vossa senhoria, disse em seu pronunciamento, mas sim resultado de muita luta, articulações, intensa mobilização e compromissada determinação de proteger os trabalhadores, clientes e usuários.

Por essas, ao que tudo indica, e parece que restou mesmo evidenciado, a empatia e o afeto deveriam estar nas palavras de um presidente que tanto propaga que valoriza e reconhece os empregados.

Por fim, ficamos com as palavras do ministro Queiroga: “Sopesar aqueles que correm mais riscos, aqueles que se beneficiam das políticas públicas”. Eis o sentido da nossa busca ao persistirmos na luta pela vacinação já.



**Fabiana Uehara** - diretora do Sindicato dos Bancários de Brasília e Coordenadora da CEE/CAIXA.



**Kleyton Morais** - Líder Sindical - Presidente do Sindicato dos Bancários de Brasília.



AMAZÔNIA

# OURO DO SANGUE YANOMAMI: CÉU SEM LEI É CONTROLADO POR GARIMPEIROS

— Maria Fernanda Ribeiro – *Amazônia Real*



Foto: Bruno Kelly/Amazônia Real



## OS VOOS IRREGULARES

A visão não é a de um formigueiro humano como no garimpo de Serra Pelada, no Pará. Na Terra Indígena Yanomami, em Roraima, o garimpo ilegal destrói a Floresta Amazônica de forma pulverizada, mas não menos feroz. Os núcleos de mineração de ouro se dispersam ao longo dos rios Uraricoera, Parima, Mucajá e Couto de Magalhães. Em cada um deles, os solos expostos em extensas clareiras tingem a paisagem antes verde de um marrom dourado, quase ferrugem. São como cicatrizes abertas. Uma água barrenta escorre de lagoas de sedimentos e jorra para os rios. Há muito mercúrio, ainda largamente utilizado na extração do cobiçado minério. Mas carrega também o sangue dos Yanomami, que pedem socorro.

“Vocês verão muitas coisas ruins do avião; altos maquinários. Você vai se sentir triste, como nunca viu, como uma pessoa que entra na sua casa e estraga seu terreno. Vai ver que estamos falando a verdade. Você pode olhar, para você acreditar”, alertou o líder indígena Davi Kopenawa Yanomami. Reconhecido mundialmente como um grande defensor na luta pelos direitos da Terra Indígena Yanomami (TIY), Davi Kopenawa autorizou o sobrevoo feito no dia 30 de abril pela reportagem sobre as áreas de garimpo ilegal. Ele sabia que haveria riscos.

O avião da reportagem partiu de Boa Vista, capital de Roraima, e demorou uma hora até chegar à primeira área de garimpo. O verde da floresta amazônica predominava na paisagem nos primeiros 30 minutos de sobrevoo, já dentro dos limites da TIY, quando um avião de pequeno porte cruzou na frente da aeronave que transportava a reportagem. Localizada no extremo Norte do Brasil, a terra indígena de 9,6 milhões de hectares fica entre os estados de Roraima e Amazonas e se estende até a fronteira com a Venezuela. À medida que as imagens da devastação do garimpo ilegal avançavam, aumentava também a presença de aviões e helicópteros que sobrevoavam o local, como se céu e terra pertencessem aos garimpeiros ilegais. É a quarta grande corrida do ouro desde os anos 1970.

A bordo de um avião modelo Caravan, a equipe de reportagem da Amazônia Real sobrevoou cinco pontos da TI Yanomami em abril deste ano, duas semanas antes dos ataques a tiros à comunidade Palimiu por garimpeiros ligados à facção criminosa PCC (Primeiro Comando da Capital). Paapiu, Homoxi, Xitei, Parima e Waikás foram as áreas identificadas pela Hutukara Associação Yanomami (HAY) por serem as mais críticas. É onde há muitos garimpeiros, presença ostensiva de balsas, de maquinários e voadeiras, contaminação das águas por mercúrio e extração das árvores em larga escala.

Aviões e helicópteros, mesmo voando de maneira irregular, parecem não se incomodar e muito menos temer o fato de estarem invadindo um espaço aéreo. É como se ali nem existissem os três Pelotões Especiais de Fronteira do Exército para impedi-los. Em céu de garimpeiro, eles dão as ordens.

Na região do Homoxi, um dos aviões permaneceu voando em círculos abaixo do Caravan da reportagem até que fôssemos embora. O risco de “levar tiro de garimpeiro”, expressado pelo piloto, impediu que voássemos mais baixo e acelerou a passagem do avião por algumas áreas garimpeiras para não chamar a atenção.

Em uma conversa de piloto para piloto, o que trabalhava para os garimpeiros perguntou ao que conduzia a equipe de reportagem quem é que estava na aeronave e se ele iria pousar. O piloto optou por não contar que estava com um fotógrafo e uma repórter a bordo. Segundo ele, era mais seguro seguir assim.

As aeronaves em áreas de mineração cumprem funções essenciais: transportar sondas, bombas, motosserras, calhas de lavagem, mangueiras, detectores de metais e o mercúrio, necessários para a mineração do ouro, suprimentos para manter os garimpeiros confinados por semanas e deixar claro



Foto: Bruno Kelly/Amazônia Real

que ali há donos. São eles que recolhem a pedra preciosa, prospectam novas lavras e mantêm a atividade aurífera a pleno vapor. Os produtores rurais repetem um mantra: “Olho de dono é que engorda boi”. No garimpo, o boi se chama ouro.

## O RASTRO DA DETRUIÇÃO

Nas duas horas de duração do sobrevoo, o rastro de destruição causado pelo garimpo ilegal é constante. Há poucos locais em que a vista descansa para apreciar os trechos de floresta preservada sem invasores e os imensos buracos causados por homens e máquinas à procura de ouro. A proximidade das lavras garimpeiras, dos acampamentos não indígenas e de pistas clandestinas com as malocas e roçados das comunidades Yanomami mostra a ousadia dos invasores na certeza da impunidade.

Invasores que parecem porcos com fome, como afirma Davi Kopenawa. “Homem garimpeiro é como um porco de criação da cidade, faz muito buraco procurando ouro e diamante”. Kopenawa já presenciou a consequência e a violência das invasões com o episódio do massacre de Haximu, no Alto Orinoco, na Venezuela, em 1993, quando garimpeiros armados, numa série de ataques a tiros e facas, mataram 16 Yanomami. Foi o primeiro caso de genocídio reconhecido pela Justiça brasileira. Davi teme ver a história se repetir.

Sobrevoando a uma altura de 2 mil pés (600 metros do solo), a reportagem flagrou invasores trabalhando nas imensas crateras para extrair o ouro das cavas e dos barrancos. É intensa a movimentação de embarcações nos rios para abastecimento do garimpo.

De cima, é nítido o funcionamento de uma complexa organização logística terrestre, fluvial e aérea que viabiliza a extração ilegal desse ouro de aluvião na TI Yanomami em uma escala intensa e frenética.

O relatório “Cicatrices na Floresta – Evolução do Garimpo Ilegal na Terra Indígena Yanomami”, lançado em março de 2021 pela Hutukara Associação Yanomami (HAY) e Associação Wanasseduume Ye'kwana (Seduume), aponta cerca de 20 mil garimpeiros ilegais no território. No entanto, os próprios garimpeiros dão um número maior. Segundo o aviador e histórico minerador José Altino Machado, seriam mais de 26 mil homens nesta que é conhecida como a quarta corrida do ouro em Roraima. Zé Altino, como é mais conhecido, é presidente da União Sindical dos Garimpeiros da Amazônia Legal e foi o responsável pela primeira e segunda invasões no território nos anos 1970 e 1980.

## PISTAS CLANDESTINAS

Além dos aviões e helicópteros, dos maquinários, das balsas e voadeiras previamente antecipadas por Davi Kopenawa, há incontáveis pistas clandestinas, de diferentes tamanhos, que rasgam a floresta. Algumas são coladas às malocas dos Yanomami. Assim como balsas e maquinários pesados, que também estão próximos de algumas comunidades e dos roçados indígenas.

Na região do Homoxi, na fronteira com a Venezuela, os garimpeiros levantaram um alojamento a alguns metros de distância de uma comunidade. De um lado da margem de um igarapé contaminado pela ação do mercúrio, uma grande maloca e mais duas menores aparecem circundadas pela área de roçado, onde é



Foto: Bruno Kelly/Amazônia Real



Foto: Bruno Kelly/Amazônia Real

cultivado o alimento de toda a aldeia. Do outro lado da margem, está o acampamento dos invasores. A cena é marcada por lavras de garimpo, rio assoreado, imensos buracos de terra escavada e as lagoas de sedimentos deixados pela fúria da atividade ilegal.

São muitas as cicatrizes deixadas pelos garimpeiros na TI Yanomami. Uma vez exaurida a extração do ouro, é hora de levantar o acampamento, recolhendo as improvisadas barracas de lonas azuis para serem usadas num outro ponto de garimpagem. Se a lavra for “rentável”, os garimpeiros ficam meses nela. Caso contrário, partem para outra localidade no que eles consideram ser uma terra sem dono. Em uma lavra, a concentração de um metal tão raro quanto o ouro é de apenas alguns gramas por tonelada de terra minerada.

A Força Aérea Brasileira, segundo o Ministério da Defesa, faz o monitoramento do espaço aéreo 24 horas por dia, e caso haja aeronaves suspeitas e não identificadas sobrevoando a TI Yanomami, há procedimentos de interceptação. Em nota enviada à reportagem, o ministério afirma atuar “permanentemente no combate a delitos transfronteiriços e ambientais” e que as ações são coordenadas pelo Centro de Operações Militares 4, do 4º Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle de Tráfego Aéreo (Cindacta), localizado em Manaus.

## 2.430 HECTARES DESTRUÍDOS

Tal avizinhamento e o risco que isso acarreta foram alvo de denúncia no relatório produzido pelos Yanomami. De um lado, há o agravamento no quadro epidemiológico, como a disparada nos casos de Covid-19 e malária. Com o desmate florestal, a proliferação do mosquito *Anopheles* é facilitada, potencializando a disseminação da doença. Entre 2014 e 2019, os casos de malária quintuplicaram na TI Yanomami.

E o garimpo também está relacionado a altas taxas de contaminação por mercúrio, usado para separar o ouro (o metal pesado e tóxico cria um amálgama que depois, ao ser incinerado, se volatiliza e é levado pelo vento), causando danos de longo prazo e irreversíveis na saúde dos indígenas, além de gerar desestruturação econômica e levar a conflitos violentos.

O tamanho da destruição do garimpo ilegal do ouro já chega a 2.430 hectares na TI Yanomami, o equivalente a 2.430 campos de futebol, segundo o relatório mais recente da HAY, divulgado em maio deste ano. Somente em 2020, a degradação avançou 500 hectares, associada à intensificação do uso de material pesado e sofisticado para a extração do minério. A atividade garimpeira se prolifera no território, subindo os rios,



com crescentes núcleos de invasores e novas rotas de acesso ao interior da floresta amazônica.

A região do Waikás, conhecida como Tatzuzão do Mutum, continua no topo do ranking da devastação. Em 2017, o local contava com uma estrutura até então inédita em terras indígenas de Roraima, com casas, mercearia, pontos de acesso à internet e cabeleireiros.

É possível avistar pela janela do avião que, mesmo a área já tendo sido alvo de operações do Exército, a atividade clandestina continua a funcionar com alojamentos instalados ao longo do leito do rio Uraricoera, mas também adentrando a mata. Waikás já teve cerca de 35% do total de suas terras degradadas.

A área fica a poucos minutos da comunidade Palimiu, onde aconteceram os primeiros ataques a tiros contra o povo Yanomami por garimpeiros ligados ao PCC, conforme noticiou em primeira mão a Amazônia Real. A sensação, mesmo do alto, é de destruição acelerada e de impotência. Como disse Kopenawa à reportagem: “nossos inimigos são muitos e nós somos poucos”.



**Maria Fernanda Ribeiro –**

Jornalista. Matéria publicada na íntegra em: <https://amazoniareal.com.br/>. A Amazônia Real se uniu à *Repórter Brasil* para investigar a fundo o problema do garimpo ilegal na maior terra indígena do Brasil. Foram quatro meses de apuração e a análise de mais de 5 mil páginas de documentos para traçar a rota do ouro, identificar as principais empresas compradoras, compreender as fragilidades na legislação (que isenta os compradores de qualquer responsabilidade), destrinchar o antigo interesse dos políticos na atividade e revelar como a rápida aproximação do garimpo liga-se com o tráfico internacional de drogas. A investigação teve acesso a dois inquiridos da Polícia Federal por meio da Lei de Acesso à Informação (LAI) e às acusações do Ministério Público Federal, feitas com base em operações de combate ao garimpo na TI Yanomami feitas desde 2012. O especial *Ouro do Sangue Yanomami* – que conta com sete reportagens produzidas – mostra que nesse exato instante há uma profusão de atores se enriquecendo com a atividade ilegal nas terras indígenas do país. É um crime contínuo, defendido pelo governo do presidente Jair Bolsonaro e tolerado pela sociedade.



# RISOTO DO CERRADO

————— Lúcia Resende

Eu não sei por aí, mas aqui em Formosa, Goiás, neste inverno faz um frio daqueles que dá vontade de não sair debaixo das cobertas e, ao mesmo tempo, chega aquela “fome de anteontem”. Tempo bom pra apreciar um bom Risoto do Cerrado. Esta receita, encontrei no site <http://cristalalimentos.com.br>, testei aqui em casa e fez um sucesso danado!

## INGREDIENTES


**200** gramas de arroz arbóreo  
**200** gramas de peito de frango  
**200** gramas de linguiça de porco caipira  
**200** gramas de polpa de pequi  
**200** gramas de palmito de guariroba  
**75** gramas de torresmo  
**5** pimentas-de-cheiro picadas e sem sementes  
**50** gramas de pimenta-biquinho  
**100** gramas de queijo meia cura ralado  
**125** gramas de manteiga de leite  
**1** colher de café de açafão  
**1** talo de alho-poró  
**150** ml de cachaça  
**1** litro de caldo de galinha e legumes.  
 Salsa e cebolinha verde a gosto  
 Fatias de abacaxi

## MODO DE FAZER

Doure o alho-poró na manteiga de leite, depois acrescente o arroz arbóreo. Mexa sempre e coloque, em seguida, a cachaça. Vá mexendo e acrescentando, aos poucos, o caldo de galinha com legumes. Coloque a polpa de pequi e mais caldo. Vá mexendo. Coloque açafão, torresmo, pimenta de cheiro, linguiça já frita, peito de frango já grelhado, e continue colocando o caldo de galinha e mexendo sempre. Acrescente a pimenta biquinho e a guariroba. Mexa e coloque mais um pouco de caldo, salsa e cebolinha. Logo depois, o queijo. Para finalizar, coloque a manteiga de leite e mexa para misturar bem. Sirva quente.

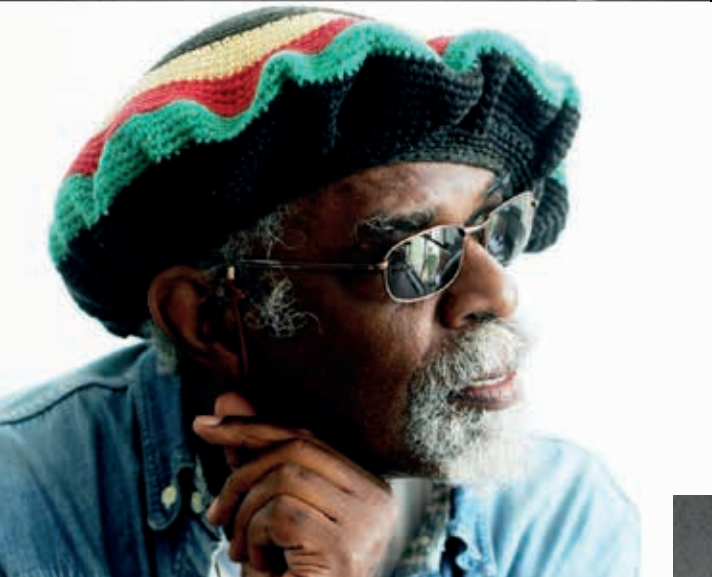


**Lúcia Resende**  
Professora

 @mluciares



CONSCIÊNCIA NEGRA



MARCHA CONTRA O RACISMO  
ZUMBI ESTÁ VIVO



DIA 18 DE NOVEMBRO  
SAIA PRAÇA MALUÁ, ÀS 15:00 HORAS  
MOVIMENTO NEGRO DO RIO DE JANEIRO

"A foto é um veículo de transformação social. São registros que nos permitem adentrar suas casas e transitar pela história de lutas e conquistas do movimento negro no Brasil..."

Obrigado,  
Januário Garcia!  
★ 16/11/1943 † 30/6/2021

Januário Garcia  
Presente!







# JANUÁRIO GARCIA: PRESENTE!

— Iêda Leal

**Januário Garcia nos deixou, tornou-se ancestral. Pelo seu olhar, nossas lutas pela vida foram registradas. Garra, resistência e irmandade estão presentes, como muito afeto, em cada foto, seu legado. Valeu, Januário!**



**Iêda Leal** - Tesoureira do SINTEGO / Secretária de Combate ao Racismo da CNTE / Coordenadora Nacional do MNU / Coordenadora do Centro de Referência Negra Lélia Gonzalez / Secretária de Comunicação da CUT-Goiás



# JAIIME SAUTCHUK

partiu para o mundo dos encantados

**NOSSO AMOR, NOSSA SAUDADE**

1953 - 2021



# VIVA O SUS! VIVA A ESFERA PÚBLICA!

Emir Sader



Foto: Meg Guimarães



**U**m general de divisão do Exército Brasileiro – Eduardo Pazuello – nomeado para ser ministro da Saúde do Brasil, em 16 de maio de 2020, em plena pandemia, assumiu o cargo afirmando que não sabia o que era o SUS.

Numa segunda-feira, 7 de junho de 2021, um ano depois, o apresentador do Jornal Nacional da TV Globo, William Bonner, no dia em que tomou a primeira dose da vacina contra a Covid-19, afirmou no ar: “Sou grato a esses profissionais todos envolvidos na campanha de vacinação. Foi nos ombros deles que puseram a tarefa de correr contra o tempo pela proteção de milhões de vidas. Os brasileiros devem muito a cada um desses heróis. E ao SUS, que sobrevive como um gigante a tantas incompetências e irresponsabilidades criminosas”.

O que teria acontecido no Brasil para que um programa desconhecido até pelo ministro da Saúde fosse consagrado no noticiário de maior audiência da TV brasileira?

Quando Pazuello assumiu o ministério da saúde, em maio de 2020, havia 29.341 mortos pela Covid-19. Quando William Bonner fez essa declaração, no Jornal Nacional, em junho de 2021, o número de mortos pela Covid-19 no Brasil tinha chegado a 514 mil, isto é, multiplicado 17 vezes.

E aquele SUS, desconhecido pelo então ministro da Saúde, era saudado com o Viva o SUS! por grande parte dos mais de 70 milhões de pessoas, anônimas e renomadas, vacinadas no SUS até junho de 2021. O SUS foi se tornando uma unanimidade nacional, um patrimônio dos brasileiros na defesa das suas vidas, um gigante protagonizado pelos novos grandes heróis nacionais – os trabalhadores da saúde pública.

Mas não era apenas o ex-ministro que não conhecia o SUS. Ele era desconhecido – até mesmo por uma parte dos que eram atendidos por ele –, porque o neoliberalismo trata de esconder tudo o que tem a ver com a esfera pública – de que o SUS é um exemplo evidente.

O neoliberalismo trata de impor a alternativa “estatal x privado”. Como se sabe, quem parte e reparte fica com a melhor parte. Nesse caso, desqualificando o Estado, o neoliberalismo trata de impor a esfera do mercado, disfarçado de esfera privada. Assim, logra aparecer

reivindicando os indivíduos e sua liberdade privada contra o Estado, que aparece como opressor, incompetente, corrupto.

No entanto, essa polarização é equivocada. A esfera neoliberal é a esfera mercantil, dado que trata de transformar tudo em mercadoria. Para o neoliberalismo, tudo se vende, tudo se compra, é o reino do dinheiro.

A contraposição à esfera privada, tampouco é a esfera estatal, mas a esfera pública. Na esfera mercantil, o sujeito é o consumidor. A esfera pública é a esfera dos direitos em que o sujeito é o cidadão, entendido como sujeito de direitos.

O Estado – ou a esfera estatal – não tem uma característica própria. O Estado é um espaço de disputa entre as esferas mercantil e pública. Em geral, o Estado tem aspectos de cada uma delas, com hegemonia de uma delas. As políticas econômicas tendem a privilegiar a esfera mercantil, enquanto as políticas sociais tendem a expressar a esfera pública.

O SUS é uma expressão clara da esfera pública. É o programa de saúde pública mais democrático do mundo em que todos podem ser atendidos. É o oposto dos planos privados de saúde, que só atendem quem adere a eles mediante o pagamento. O SUS é universal, público, atende a todos. Os planos privados de saúde são privados, só atendem os que podem pagá-los e atendem melhor quem pode pagar por. Os planos privados de saúde atendem os consumidores. O SUS atende os cidadãos.

O sucesso do SUS é o sucesso da esfera pública, que é a esfera democrática. Uma reforma democrática do Estado tem que ser feita em torno da esfera pública. Ao dizer Viva o SUS!, se está dizendo Viva a democracia! Viva os cidadãos! Viva a esfera pública.



**Emir Sader -**

Sociólogo. Membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri.

# BASA 79 ANOS

#NãoàMP1052



## NO 79º ANIVERSÁRIO DO BANCO DA AMAZÔNIA, BANCÁRIOS RESISTEM AOS ATAQUES DO GOVERNO

O Banco da Amazônia completou 79 anos no dia 9 de julho sob forte ataque do governo federal. A Medida Provisória (MP) 1052 editada pelo governo Bolsonaro em 19 de maio coloca em risco não apenas o futuro do banco, como os programas voltados para os micros, pequenos e médios empreendimentos financiados pelo Fundo Constitucional do Norte (FNO).

“Parabenizamos pelo aniversário os funcionários e funcionárias do banco, responsáveis pela construção desse

imprescindível instrumento estratégico para o desenvolvimento econômico sustentável da região amazônica”, comemora Cleiton dos Santos, presidente da Federação dos Bancários do Centro-Norte (Fetec-CUT/CN).

“Mas infelizmente essa é uma data não apenas de comemoração, mas também de luta em defesa do Banco da Amazônia e contra a MP 1052. Por isso a Federação, junto com os sindicatos filiados, está orientando a realização de manifestações nesta sexta

Cleiton dos Santos

9 de julho em todas as nossas bases onde o banco está presente”, acrescenta Cleiton. “E como entende que o Banco da Amazônia é importante para toda a população da região Norte, a Fetec-CUT/CN está buscando junto com outras construir um amplo movimento em defesa do banco e contra a MP 1052.”

Sérgio Trindade, coordenador da Comissão de Empresa dos empregados do banco e diretor de Imprensa da Federação, reafirma a importância da data e da luta: “Neste momento em que parabenizamos o banco por quase um século de existência, estamos também numa trincheira de defesa para que o banco não seja enfraquecido e sucateado, com prejuízo para o desenvolvimento da região, para o financiamento dos pequenos e médios produtores e para a sua presença em todos os locais onde o setor privado não tem interesse de estar”.

A Fetec-CUT/CN e sindicatos filiados organizam campanha em defesa do banco, estratégico para o desenvolvimento da região Norte, e contra a MP 1052. No dia do aniversário, os sindicatos realizaram manifestações em vários Estados onde o banco atua.

A Federação também organizou live/seminário com participação do senador Paulo Rocha (PT-PA) e da assessoria jurídica para discutir estratégia de campanha de convencimento da população da Amazônia sobre a importância do banco e a necessidade de toda a população se envolver na luta em defesa do banco.

## **A IMPORTÂNCIA DO BANCO DA AMAZÔNIA PARA A REGIÃO NORTE**

Os investimentos do FNO nos empreendimentos regionais vêm aumentando a cada ano, sendo hoje responsáveis por 65% do crédito de Fomento do Norte. Dos R\$10,5 bilhões contratados em 2020, 66% foram aplicados em empreendimentos de pequeno porte em todos os 450 municípios da região Norte. Desses investimentos, 79% foram financiamentos de médio e longo prazo, que devem gerar R\$20,7 bilhões (Matriz Insumo/Produto PRDA) em impostos.

O Fundo sustenta a operacionalização de seis programas de financiamento estratégicos para o desenvolvimento sustentável da região amazônica: o Pronaf, o Amazônia Rural, o Programa de Financiamento ao Microcrédito Produtivo Orientado, o Amazônia Empresarial, o Amazônia Fies e o Amazônia Infra.

Nos últimos dois anos, o FNO respondeu por 90% da carteira de crédito do Banco da Amazônia, que tem uma rede de atendimento com 118 agências e 2 postos de atendimento avançado em toda a região, com 2.896 funcionários. O risco de sua carteira é quase todo compartilhado com o FNO (risco 50%). Sua carteira é 95% de risco compartilhado com o FNO.

O Banco da Amazônia, nesse mesmo período, obteve lucro médio de cerca de R\$270 milhões. Sua carteira é 95% de risco compartilhado com o FNO. A MP 1052 terá um impacto imediato nas receitas do banco, em 2021, de cerca de R\$145 milhões. Em 2022 o Banco da Amazônia deixará de ganhar R\$280 milhões. As perdas crescerão anualmente e a partir de 2026 terá uma redução de R\$390 milhões ao ano

Entre outros impactos negativos, essas perdas provocarão uma redução de 27% no apoio à implantação, instalação e modernização dos empreendimentos regionais essenciais para o desenvolvimento da Amazônia. O custeio dos financiamentos crescerá 211%, tornando o crédito mais restritivo, principalmente para os micros e pequenos empreendimentos.

“Com a MP 1052, o Banco da Amazônia será levado paulatinamente à extinção, em benefício dos bancos privados, o que é um dos pilares da política ultraliberal do governo Bolsonaro/Paulo Guedes”, afirma Sérgio Trindade, que também é secretário-geral do Sindicato do Pará.



**Cleiton dos Santos** – Presidente da Federação dos Bancários do Centro-Norte (Fetec-CUT/CN)

# GERAÇÃO 68: NÓS QUE AMAMOS TANTO A REVOLUÇÃO

José Ribamar Bessa Freire

***"No tengo miedo al invierno con tu recuerdo lleno de sol."***

(Tonada del viejo amor, Eduardo Falú / Mercedes Sosa)



Foto: Taquirati







O livro *Nous l'avons tant aimée, la révolution* escrito pelo líder de Maio de 68 na França, Daniel Cohn-Bendit, usa o verbo no pretérito composto (o “*passé composé*” francês). Na tradução, a Editora Brasiliense optou pelo pretérito imperfeito: “*Nós que amávamos tanto a revolução*”. Se fosse o perfeito seria *amamos*, que em português, unicamente no caso de *nós*, guarda a mesma forma tanto no presente como no pretérito, o que cria a desejada ambiguidade na evocação de um passado que não se contrapõe ao presente.

Cohn-Bendit reúne entrevistas feitas por ele em diferentes países, cujas manifestações de rua fizeram tremer o planeta em 1968. Quase vinte anos depois, ele ouviu, entre outros, líderes dos Panteras Negras, Yuppies, Women’s Lib, Brigadas Vermelhas, Solidarność, guerrilheiros da América Latina e, no Brasil, Fernando Gabeira e Alfredo Sirkis. Alguns dos entrevistados, desiludidos, desistiram da luta, mas muitos continuam na militância no campo democrático.

É o caso do grupo “Geração 68 Sempre na Luta” que convocou um ato público para comemorar os 53 anos da “passeata dos cem mil” neste 26 de junho, na Cinelândia, no Rio. Fui. Se fosse eu o único a comparecer, diria eu *amava* ou *amei*. Mas na companhia, ainda que discreta de outros companheiros, o passado é perfeito: *nós amamos a revolução*. Atravessa assim os tempos verbais e destaca o caráter coletivo e a relativa perenidade desse engajamento.

### PASSEATA DOS CEM MIL

O que ficou da passeata dos cem mil? Milhares já morreram “de susto, de bala ou vício”, não poucos de corona, os sobreviventes com dificuldades de locomoção ou temerosos de aglomeração. Diante disso, o cineasta Silvio Tendler, que apoiou o ato simbólico, brincou me dizendo que agora seria a “passeata dos sem mil”. Fui lá conferir. Vesti minha camisa amarela da Escola Tuyuka Utapinopona, preparei um cartaz e marchei para a Cinelândia na companhia dos irmãos Pucu – o poeta Luiz e o advogado Márcio com sua esposa Elizabeth. Essa comitiva amazonense, que viveu 68 no Rio, levava no

coração Thomazinho Meirelles, assassinado pela ditadura.

Quantos “gatos” pingados havia na Cinelândia? Quatrocentos, talvez quinhentos? Mas se somássemos todas as histórias ali contadas, os cem mil estavam lá rezando em nossos ouvidos: “Fazei isso em memória de mim”. Situação similar deve ter sido vivida pelas demais cidades que convocaram para o ato – Fortaleza, Goiânia, Brasília, Recife e Belo Horizonte. Em razão da chuva, Porto Alegre transferiu para o sábado seguinte, 3 de julho.

Agora, no Rio, ali estávamos, meio século depois, trocando olhares que se encontravam, tentando adivinhar o que havia por trás das máscaras e dos cabelos brancos. Montados no Rocinante do Quixote, nós, que tanto amamos a revolução, rememoramos dezenas de manifestações ocorridas naqueles tempos no combate contra a ditadura, a censura, a violência policial.

Nas escadarias da Câmara Municipal se fez presente João Batista Andrade, já falecido, representado por seu filho batizado como Davi Yanomami. Fizemos uma rodinha para ressuscitar o querido JB, meu colega de sala na Faculdade Nacional de Direito. Ambos fomos presos na passeata do dia 15 de setembro de 1966. Guardo a data porque obtive os dados da ABIN – Agência Brasileira de Inteligência. O comandante do Regimento Marechal Caetano de Farias, na Frei Caneca, exigiu para nos soltar a presença de algum familiar que, no meu caso, residiam em Manaus. O pai do JB, doutor Andrade, advogado, veio tirar o filho:

– Só saio daqui se o amazonense também sair.

O velho, puto da vida, resistiu, mas acabou assinando um termo de responsabilidade por alguém que ele não conhecia.

### CEGO EM TIROTEIO

– Se eu ficar o tempo todo contando histórias, não vou desaparecer – escreveu Patricia Portela. Histórias abundam.

Numa passeata contra os acordos MEC-USAID que pretendiam privatizar a escola pública e instituir o ensino pago, os policiais nos perseguiram e, no meio de uma



Foto: Taquiprati



desabalada carreira, meus óculos caíram na rua Santa Luzia. Continuei a fuga assim mesmo como cego em tiroteio. Foi aí que o líder do Grêmio do Colégio de Aplicação da UFRJ, Emilio Mira y Lopez, retornou para recuperá-los, enfrentando a repressão policial. Esse gesto corajoso e solidário, que me fez ver o mundo outra vez, ligou para sempre as nossas lembranças e selou uma amizade. Décadas depois encontrei Emilio, que hoje é médico, trata dos meus achaques e fez contato com o grupo Geração 68.

Naquele 1968, a TV Continental com Fernando Barbosa Lima convidou Ana Arruda Callado e Reynaldo Jardim para o *Jornal de Vanguarda*. Os dois levaram para lá a juventude e a inexperiência desse amazonense aqui contratado como repórter. Fui escalado para cobrir uma passeata estudantil no centro do Rio, transformado em praça de guerra. *Offices boys* se juntaram aos estudantes para jogar pedras na polícia. Do alto de um edifício na rua México, alguém atirou uma máquina de escrever que caiu sobre o ombro de um meganha, no momento em que levava preso um manifestante. Podia ter acertado o jovem, que teve sorte e se escafedeu.

- Deus é estudante - eu disse ao relatar o fato ao Reynaldo, que diariamente, no *Jornal de Vanguarda*, comentava em versos alguma notícia. Nessa noite, cada estrofe do poema terminava com o estribilho:

*"Como disse Riba, Deus é estudante".*

### CINDERELA DA REVOLUÇÃO

No exílio no Chile, muitas dessas histórias eram lembradas e relembradas como aquela da passeata na qual manifestantes perseguidos pela polícia invadiram uma loja na rua Uruguiana e se misturaram aos clientes. O gerente, solidário, fechou a porta e pediu silêncio aos estudantes. Mas um sargento, que viu tudo, aos gritos, mandou abrir. O camburão já estava na porta para levar os presos. Como distinguir, porém, o manifestante do freguês? O sargento, tendo na mão um mocassim perdido na fuga, perguntou: De quem é esse sapato? Descalço de um pé, Teodoro Buarque de Hollanda, primo do Chico, foi o primeiro a ser preso.

- Eis a Cinderela da Revolução - brincou o titiriteiro Euclides Coelho de Souza ao ouvir Teodoro contar o episódio na Pensão da Calle Grajales, onde viviam muitos brasileiros exilados. Euclides, com seu espanhol impecável ainda traduziu: *Tu eres la Cenicienta de la Revolución*.

Algumas histórias são engraçadas, outras ingênuas, muitas tristes com prisões, torturas e mortes. Na "passeata dos sem mil", todos traziam na memória os cem mil, aquelas e aqueles que participaram das lutas contra a ditadura militar de 1964 a 1985 e que ajudaram a conquistar a democracia, as liberdades, a anistia, a Constituinte, as eleições diretas - como diz o manifesto da "Geração 68 sempre na luta".

Embora não seja um bloco homogêneo e abrigue gente de diversos horizontes políticos, o que une a todos que amamos a revolução são os valores de humanidade e solidariedade negados hoje por um governo fascista e corrupto, que refuta a ciência, destrói o meio ambiente e tripudia sobre os direitos indígenas garantidos na Constituição. Daí o grito: Fora Bolsonaro, cujo crime maior não foi o de prevaricação, nem a assinatura mutretada do contrato de R\$1,61 bilhão para a compra da Covaxin, nem muito menos as "rachadinhas" ou o gasto de dinheiro público para a propaganda política com as motocicletas, enquanto o Brasil conta mais de meio milhão de mortos.

O crime maior de Bolsonaro, que devia ser impichado e preso por isso, foi retirar a máscara de proteção contra a Covid-19 de uma criança de colo no Rio Grande do Norte e de mandar uma menina de 10 anos, que recitava uma poesia, retirar sua máscara. Quanta estupidez neste ato criminoso, burro e cruel, que, ao atropelar a proteção materna, coloca em risco a saúde das crianças.

O Brasil vive um momento tenebroso de sua história. Contra o desânimo e o medo, a Geração 68 se identificou com faixas e cartazes nas manifestações do dia 19 e agora do dia 26. É como se estivesse entoando com Mercedes Sosa a canção de seu compatriota Eduardo Falú: *"No tengo miedo al invierno, con tu recuerdo lleno de sol"*. Que esse passeio pela lembrança sirva para manter viva a memória solar da luta, que nos enche de coragem.

**Referências:** Daniel Cohn-Bendit. *Nous l'avons tant aimée, la révolution*. Paris. Barrault 1986. Seuil 1988. Dany Cohn-Bendit. *Nós que amávamos tanto a revolução*. São Paulo. Editora brasiliense 1987 P.S. Fotos de Evandro Teixeira, Luiz Pucu e Ione Couto.



**José Ribamar Bessa Freire.** - Professor Universitário. Escritor. Crônica publicada em seu blog [www.taquiprati.com.br](http://www.taquiprati.com.br)



# MEU QUERIDO INIMIGO

— Eduardo Galeano

A camisa do Brasil era branca. E nunca mais foi branca, desde que a Copa de 50 demonstrou que essa era a cor da desgraça.

Duzentas mil estátuas de pedra no Maracanã: a final tinha acabado, o Uruguai era o campeão do mundo, e o público não se mexia.

No campo, alguns jogadores ainda perambulavam. Os dois melhores, Obdúlio e Zizinho, se cruzaram. Se cruzaram e se olharam.

Eram muito diferentes. Obdúlio, o vencedor, era de ferro. Zizinho, o vencido, era feito de música. Mas também eram muito parecidos: os dois tinham jogado a Copa inteira machucados, um com o

tornozelo infamado, o outro com o joelho inchado, e de nenhum deles ninguém ouviu uma única queixa.

No fim do jogo, não sabiam se trocavam uma porrada ou um abraço.

Anos depois, perguntei a Obdúlio:

– E você tem visto o Zizinho?

– Tenho. De vez em quando. Fechamos os olhos e nos encontramos.



**Eduardo Galeano** – Escritor revolucionário, em *Os Filhos dos Dias*, Editora L&PM, 2012.

# MAIS DE 14 MILHÕES DE DESEMPREGADO

Na última década, o desemprego nunca assolou tanto a vida de brasileiras e brasileiros como agora, no governo de Jair Bolsonaro. Segundo a última Pnad Contínua, realizada IBGE, 14,8 milhões de trabalhadores e trabalhadoras estão desempregadas/os e outros seis milhões desalentados (não procuram mais emprego por não terem esperança em conseguir). É por isso que a nova etapa da campanha “A culpa é dele”, realizada pelo Sinpro-DF, aborda o desemprego.

A campanha foi lançada no dia 19 de junho, quando o Brasil ultrapassou o lamentável número de meio milhão de pessoas mortas pela covid-19. O objetivo da ação é explicar à população, de forma didática, que existe um culpado pelas milhares de mortes causadas pelo vírus, pelo desemprego, pela fome, pela miséria, pelo desalento, pela crescente da violência, pelo medo. Esse culpado é Jair Bolsonaro.

Não dá mais. O Brasil precisa ser feliz.

## A CULPA É DELE #FORABOLSONARO



OS



 **SINPRO**  
SINDICATO DOS PROFESSORES  
NO DISTRITO FEDERAL

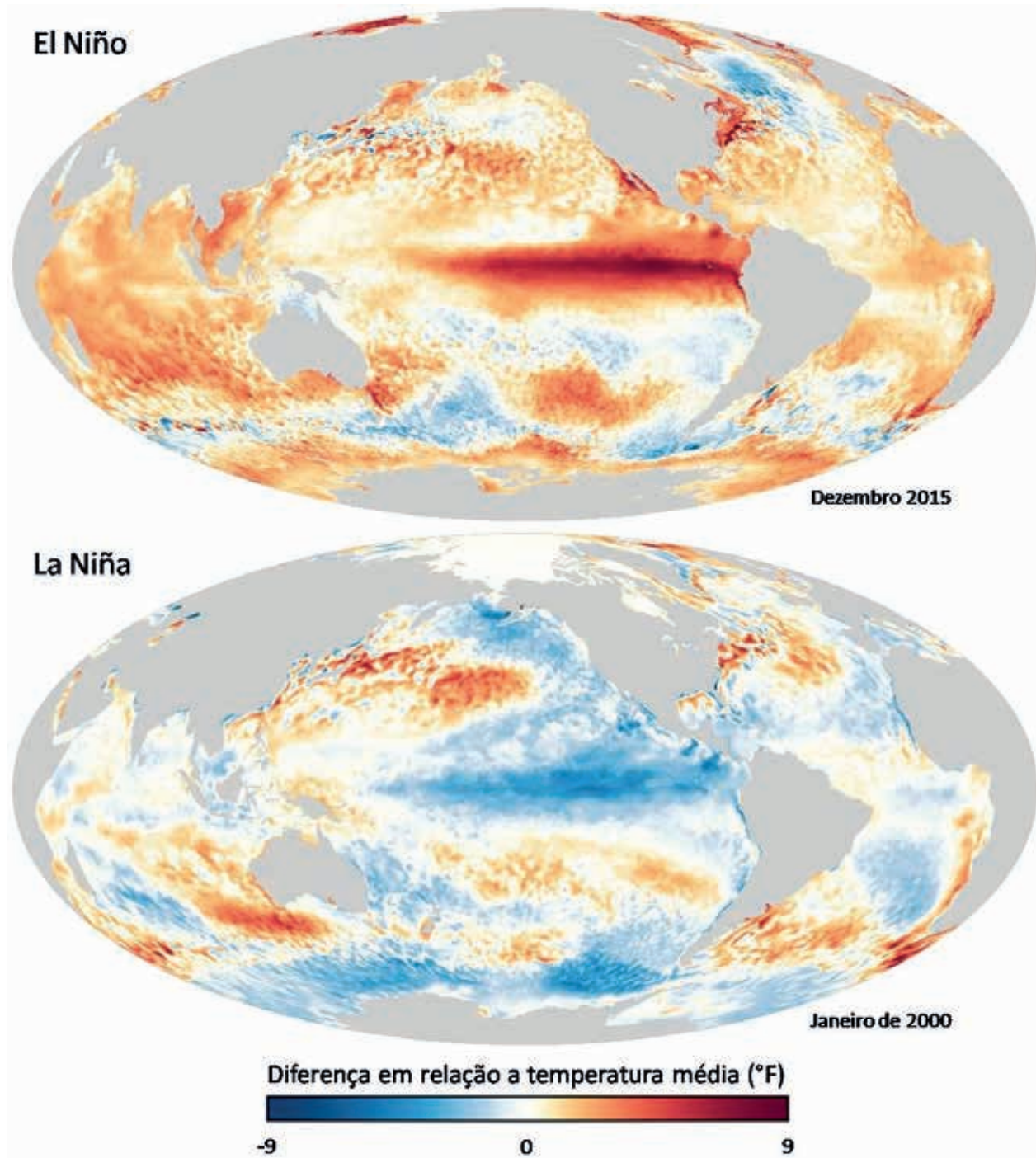
Filiado: <sup>®</sup>  
CUT  
CNE  
DF

**CUT**  
BRASIL

**CNE**

# AS CRIANÇAS FORAM GENEROSAS: DESTA VEZ NÃO PODEMOS CULPÁ-LAS

Altair Sales Barbosa





**A**penas teve início a estação seca nos chapadões centrais do Brasil e já começamos a sentir os sinais do que nos aguarda, num futuro próximo, quando esta estação atingir o seu auge. Mas, desta vez, não podemos colocar a culpa nas crianças. Na última estação chuvosa elas foram até generosas. Me refiro às ações dos meninos *El Nino* e *La Nina*.

Então, por que se preocupar com escassez hídrica, estiagem severa, diminuição da vazão dos rios e outras complicações advindas dessas situações adversas? As respostas estão bem diante de nossos olhos, mas insistimos em querer não as enxergar, isto porque também não nos interessa ter uma visão dos fenômenos de forma global.

É mais fácil continuarmos apelidando o Cerrado de Bioma e, vez em quando, agregarmos um ou outro elemento para recheiar ainda mais a confusão de um conceito simples, que surgiu em 1916, quando a ciência nem conhecia os princípios de funcionamento das placas tectônicas, como também não eram conhecidos os princípios da teoria do caos e outros conhecimentos que emergiram a partir do avanço desses conhecimentos e que somente nos últimos tempos começaram a ser entendidos.

É bem mais cômodo ficarmos cultivando conceitos antigos. A ciência é uma peça muito exigente, que fica o tempo todo cobrando de nós atualizações, em conceitos e conhecimentos emergentes, como se tivéssemos tempo de nos banhar nessa areia movediça e perseguíssemos os caminhos das águas, para verificar se esta evaporou ou se infiltrou nas camadas do solo.

A teoria da tectônica de placas trouxe um conceito revolucionário que teve consequências significativas e de longo alcance em todos os campos da geologia. Ela fornece a base das relações entre muitos fenômenos aparentemente sem relação.

Assim, além de ser responsável pelas características da crosta da Terra, o movimento das placas também afeta a formação e a distribuição dos recursos minerais e influencia a distribuição e a evolução da biota mundial.

A tectônica de placas pode demonstrar que todos os ciclos da Terra funcionam como um sistema, onde todos os elementos, atmosfera, hidrosfera, litosfera e biosfera, agem como sistemas inter-relacionados.

Para entendermos as diversas questões ligadas à diminuição drástica da vazão da maior parte dos rios do Brasil, bem como a diminuição dos reservatórios e o desaparecimento de centenas de cursos d'água do Planalto Central Brasileiro, torna-se necessário compreendermos a dinâmica do planeta Terra, ou seja, os fenômenos que se passam acima das nossas cabeças e aqueles que se encontram abaixo dos nossos pés.

Não podemos ignorar que a Terra é um planeta dinâmico e se encontra sempre em mutação, ou seja, as forças que atualmente nele atuam são as mesmas que sempre atuaram desde os primórdios.

Acima de nossas cabeças existe a atmosfera com diversas camadas, cada uma dessas camadas possui composições e dimensões diferenciadas. A penúltima camada é a Exosfera que se situa acima dos 500 km sobre nossas cabeças e constitui o espaço sideral. Envolvendo a Exosfera encontra-se um escudo protetor da Terra que se denomina Magnetosfera. Esse escudo protege o planeta dos ventos solares.

Sabe-se que o Sol irradia em todas as direções um vento de alta velocidade que varia de 300 a 900 km por segundo. Se parte significativa da Magnetosfera se romper e esses ventos em sua totalidade atingirem o nosso planeta, tudo que existe será varrido da sua superfície, incluindo a água, que vai se evaporar, além de inúmeras outras consequências.

A existência da Magnetosfera depende do equilíbrio magnético da Terra, que orienta por exemplo o movimento de rotação do planeta. Esse equilíbrio já foi minimamente afetado pelo menos por duas vezes durante a história evolutiva da Terra e causou transtornos imensuráveis.

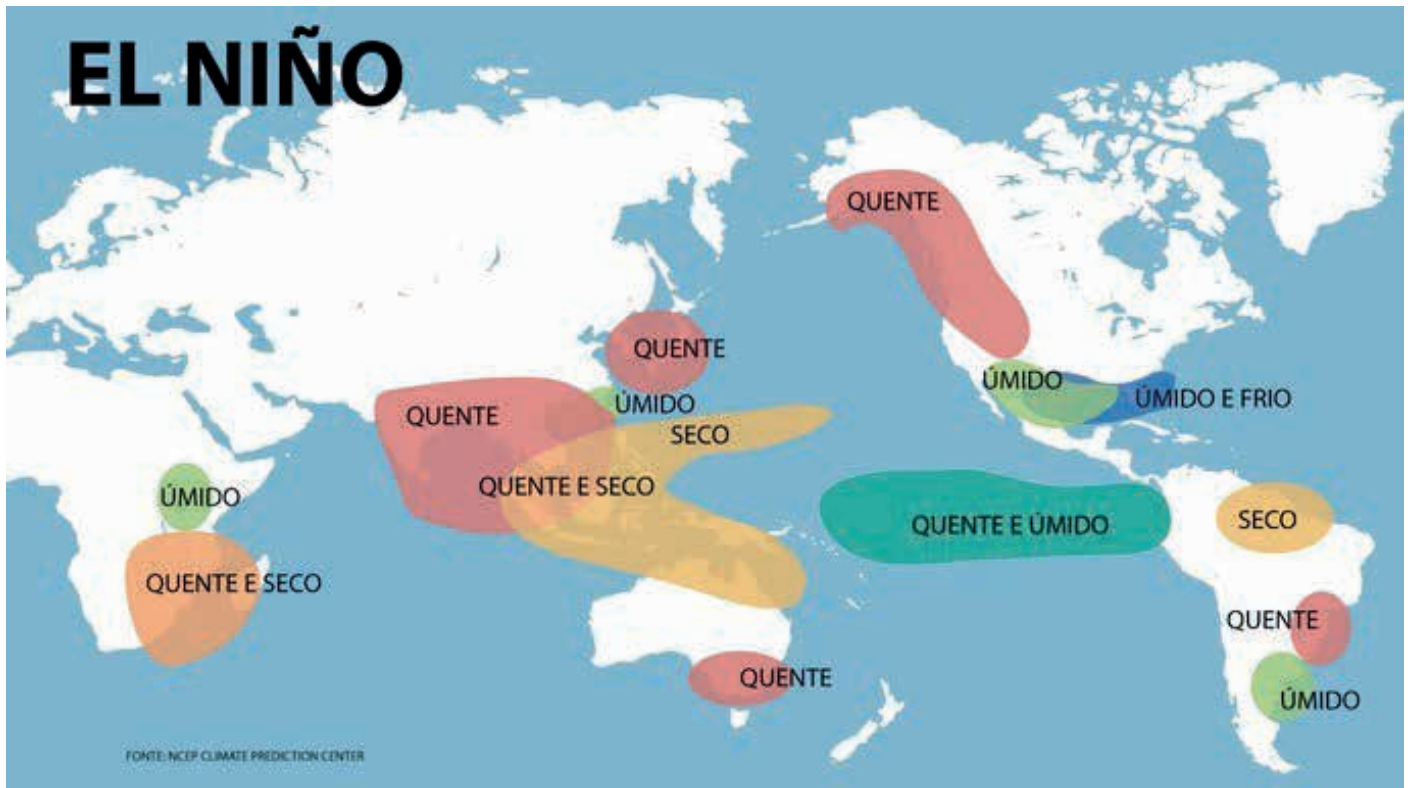
Entretanto, enquanto isso não ocorre, trataremos de fenômenos menores, como por exemplo a primeira camada da atmosfera terrestre denominada Troposfera.

A Troposfera é a primeira camada da atmosfera que se situa dos nossos pés até uma altura média de 10 km. Atualmente essa camada é composta em média por 78% de Nitrogênio, 21% de Oxigênio, 1% de Argônio e outros componentes como dióxido de carbono, vapor d'água etc.

A temperatura e a composição da Troposfera variam de latitude para latitude e de altitude para altitude, conferindo a cada lugar uma característica especial.

As correntes aéreas que trazem umidade, seca, calor e frio para os continentes circulam na Troposfera e variam ciclicamente. Por exemplo, durante o último glacial, situado entre 18.000 a 13.000 anos Antes do Presente, essas correntes modificaram quase que totalmente a face do Planeta, transformando lugares úmidos e temperados em desertos e áreas desérticas em áreas úmidas.

São vários os fenômenos que alteram a circulação aérea da Troposfera, mas citaremos apenas alguns, a título de exemplificação: o primeiro é a modificação da circulação das correntes marinhas, que de forma direta influenciam as correntes atmosféricas. As correntes marinhas podem modificar seu curso e temperaturas, mediante causas naturais: glaciação, aquecimento das águas oceânicas, fenômeno conhecido como *El Niño* ou resfriamento dessas



águas, fenômeno conhecido como *La Niña*.

Sabe-se hoje que correntes marinhas profundas e frias, que se deslocam a 4 km de profundidade, oriundas da Groenlândia, circulam também pelos oceanos de forma lenta e aleatória, alterando a temperatura da água oceânica por onde passam.

Ainda acima dos nossos pés, acontece um conjunto de ações antrópicas capaz de modificar drasticamente o clima local e regional. Os exemplos mais clássicos são os desmatamentos e a crescente urbanização, esta exige a pavimentação de grandes áreas, impedindo a transpiração dos solos e a infiltração da água, formando ilhas de calor e zonas de baixa pressão atmosférica, que podem provocar transtornos imprevisíveis.

Mesmo em época recente, várias áreas foram afetadas por períodos de longa estiagem, que obrigaram as populações a migrarem para outros locais, deixando cidades inteiras abandonadas, sendo o exemplo mais clássico o dos Maias, no sul do México e Guatemala.

Abaixo dos nossos pés, está toda uma complexa estrutura composta pelas placas tectônicas e pelas camadas internas da Terra, a começar pelo manto até o núcleo. O manto da Terra, que se situa abaixo da crosta, local caracterizado pelas placas tectônicas, é constituído de matéria fluida.

No manto se encontram as plumas e as superplumas, que formam as correntes de convecção, quando essas correntes quentes ou frias se aproximam da crosta alteram a temperatura das

águas oceânicas para quente ou fria, que por sua vez influenciam as correntes marinhas, mudando a orientação e a composição destas, e assim por diante. Entretanto, com relação às questões ligadas à diminuição da vazão ou ao desaparecimento de cursos d'água de um local. Como isso é possível?

Num primeiro instante, torna-se necessário que sejam ressaltados alguns elementos da Hidrosfera. A Hidrosfera é constituída por vários elementos: vapor de água, água subterrânea, água congelada nas geleiras, água dos oceanos e aquela pequena, mas importante, quantidade de água confinada nos canais da terra, denominada águas correntes. Sabe-se que 97,2% da água existente no planeta Terra estão nos oceanos, 2,15%, sobre as massas continentais, mas congelada em geleiras, especialmente na Antártida e Groenlândia, e 0,83% de toda a água se encontra nos rios, nos lagos e nos lençóis subterrâneos.

Outra questão importante a ser considerada é que as correntes fluviais constituem sistemas dinâmicos que se ajustam de forma contínua às mudanças naturais e às mudanças provocadas pelo homem. Mudanças climáticas afetam sem sombra de dúvidas a quantidade de água disponível.

Porém, por outro lado, a pavimentação das áreas urbanas aumenta o efêmero escoamento de superfície. E a retirada da vegetação nativa, em especial as gramíneas e as herbáceas, diminui drasticamente o nível dos lençóis subterrâneos, responsáveis pela perenização dos rios.





Outro elemento importante a ser considerado é o que se denomina ciclo hidrológico. Independentemente de sua fonte, o vapor d'água sobe para a atmosfera onde ocorrem processos complexos de formação de nuvens e condensação. Grande parte da precipitação mundial, 80%, cai diretamente nos oceanos, e os 20% das precipitações restantes caem sobre a terra, sendo que uma grande quantidade volta para o oceano pelo escoamento.

Todavia, uma pequena parcela dessas precipitações fica armazenada em lagos, pântanos, geleiras, ou penetra sob a superfície, formando o sistema de água subterrânea. Todo esse sistema é interligado, mesmo a água liberada pelas plantas, através da transpiração, entra na atmosfera, e todas as águas continentais acabam voltando para o oceano, iniciando um novo ciclo hidrológico.

A água subterrânea é um reservatório de suprimento mundial de água doce. Como todas as águas, num ciclo hidrológico, a fonte definitiva da água subterrânea provém dos oceanos, mas sua fonte imediata é a precipitação que se infiltra nos solos e penetra nos poros desses solos, sedimentos ou rochas.

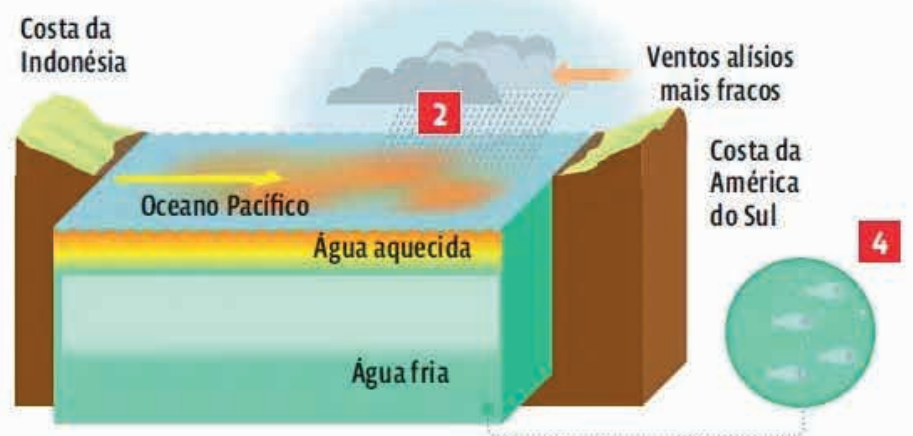
O lençol subterrâneo desempenha papel fundamental para a vida dos rios. Mas, para compreender a sua formação, alguns elementos são importantes.

Parte da precipitação cai sobre a terra e evapora e parte entra nas correntes e volta para o oceano pelo escoamento superficial. O restante penetra no solo. À medida que a água se aprofunda, uma parte adere ao material no qual se move e interrompe a descida. A parte que penetra se acumula e procura preencher os espaços dos poros disponíveis. Dessa maneira, são definidas duas zonas de acordo com o conteúdo dos espaços ocupados nos poros, pelo ar ou pela água: a zona de aeração e a zona de saturação.

### ANO NORMAL



### ANO COM EL NIÑO



### ANO COM LA NIÑA





A superfície que separa as duas é o lençol freático. Uma vez saturado o lençol freático, de acordo com a porosidade das rochas, penetra nestas, formando o lençol artesianos ou aquífero. A perenização dos rios depende normalmente das águas dos dois lençóis. Entretanto, há locais em que os rios não são alimentados por aquíferos e somente recebem água do lençol freático. Neste caso, o desmatamento pode eliminar o lençol freático, que também pode desaparecer em função de uma estiagem prolongada.

Quando os dois fenômenos acontecem de forma simultânea, a vida do lençol é curta e o rio pode secar imediatamente. Isto acontece por exemplo com os rios do semiárido brasileiro e com a maior parte dos rios afluentes da margem direita do São Francisco, que só são alimentados pelo lençol freático. Alguns processos de desmatamento nesses locais já impedem a formação de novos lençóis e os rios que ali existiam deixaram de existir para sempre.

Essa é uma forma do desaparecimento de cursos d'água, por causa da intervenção humana. Outro exemplo clássico de intervenção humana desastrosa se refere à transposição dos rios Amur-Darya e o Syr Darya, pela antiga União Soviética, para irrigar plantações de algodão.

Os dois rios citados eram os alimentadores da bacia endorreica do Mar de Aral. Consequência: o mar praticamente secou, deixando um solo com alto índice de salinidade, que permite somente uma espécie vegetal ali se desenvolver, além da poeira salgada provocar doenças, incluindo o câncer, em mais de 30 milhões de pessoas, sem falar nas plantações de algodão que não vingaram.

O mesmo fenômeno está acontecendo no Brasil, com a transposição do rio São Francisco.

Outro fator que faz com que vários cursos d'água desapareçam ou tenham sua vazão extremamente diminuída refere-se à retirada sem precedentes da cobertura vegetal natural do Centro-Oeste Brasileiro. Essa vegetação é responsável pela absorção das águas das chuvas e as deposita nas bacias de sedimentação intracratônica, formando os aquíferos, responsáveis pela alimentação, vida e perenização de todas as águas que vertem para a bacia hidrográfica Amazônica (margem direita), para a bacia hidrográfica do São Francisco, para a bacia hidrográfica do Paraná, e para outras bacias hidrográficas menores independentes, como as bacias do Parnaíba, Jequitinhonha e Doce.

As águas desses aquíferos, durante milhões de anos, foram armazenadas nas rochas porosas dos arenitos Urucuia, Botucatu, Bauru, Poti, Aquidauana etc., que formam as bacias geológicas do Parnaíba/Maranhão, e do Paraná, que formam essas bacias intracratônicas.

Um cráton é uma grande superfície onde ocorrem, em diferentes profundidades, rochas graníticas bastante antigas, de idade Pré-Cambriana.

Os minerais que o compõem estão bem fundidos, impedindo a porosidade dessas rochas. Portanto, as águas que correm sobre o cráton são do lençol freático. Como já foi dito, o desmatamento nestas áreas, fato que aumenta a insolação, e/ou uma forte estiagem, são fatores que exterminam com esses lençóis, impedindo o acúmulo de água para alimentar o fluxo corrente.

No Brasil, há duas formações cratônicas significativas. O Cráton do São Francisco, que abrange quase a totalidade da sua margem direita e pequena porção da margem esquerda, e o Cráton do Amazonas, que abrange sua margem esquerda, mergulhando pela calha, indo atingir a margem direita, até a altura dos cursos inferiores de seus afluentes.

Entre esses dois crátons estão as diversas bacias sedimentares de idades diferentes. A maior extensão abrange as bacias geológicas do Parnaíba/Maranhão e Paraná.

Seu núcleo principal está coberto por cerrado, que é a vegetação que, em função de seu sistema radicular, absorve a água da chuva e a armazena nas rochas porosas dos aquíferos.

A partir de 1970, um novo modelo de organização territorial foi implantado no centro do Brasil, fato que contribuiu para que o Cerrado entrasse num processo global de entropia e fosse gradativamente perdendo seus elementos essenciais, fauna, flora, cultura e, inclusive, suas reservas de água.

Como a possibilidade de uma revitalização com espécies nativas não passa de uma hipótese longínqua, incluindo as milhares de espécies que foram extintas, sem que ao menos fossem conhecidas, a recarga dos aquíferos certamente não virá em breve. Portanto, o desafio da ciência é grandioso, se o desejo for o de não ressuscitar imensos desertos, que já caracterizaram a área, durante longos períodos do Mesozoico.



**Altair Sales Barbosa** - Doutor em Antropologia / Arqueologia. Sócio Titular do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Goiás. Pesquisador Convidado da UniEvangélica de Anápolis.



Foto: divulgação

# A FLORESTA ESTÁ VIVA, SÓ VAI MORRER SE OS BRANCOS INSISTIREM EM DESTRUI-LA

————— Davi Kopenawa Yanomami

A floresta está viva. Só vai morrer se os brancos insistirem em destruí-la. Se conseguirem, os rios vão desaparecer debaixo da Terra, o chão vai se desfazer, as árvores vão murchar e as pedras vão rachar no calor. A terra ressecada ficará vazia e silenciosa.

Os espíritos xapiri, que descem das montanhas para brincar na floresta em seus espelhos, fugirão para muito longe. Seus pais, os xamãs, não poderão mais chamá-los e fazê-los dançar para nos proteger.

Não serão mais capazes de espantar as fumaças de epidemia que nos devoram. Não conseguirão mais conter os seres maléficis, que transformarão a floresta num caos.

Então morreremos, um atrás do outro, tanto os brancos quanto nós. Todos os xamãs vão acabar morrendo.

Quando não houver mais nenhum deles para sustentar o céu, ele vai desabar.



**Davi Kopenawa** - Líder, xamã, pajé e sábio Yanomami, em "A Queda do Céu - Palavras de um xamã Yanomami", Companhia das Letras, 2010.



Foto: divulgação



# O PIANO QUE TOCA SOZINHO

---

José Gil Barbosa Terceiro



O piano é um instrumento musical de cordas percussivas inventado por Bartolomeo Cristofori em 1709, no qual, para a produção do som, cada tecla (peça de madeira), ao ser percutida, aciona um único martelo (peça de madeira recoberta por material macio, geralmente o feltro) que, então, toca nas cordas esticadas e presas numa estrutura rígida de madeira ou de metal. As cordas percutidas vibram e produzem o som, que é amplificado pela grande caixa de ressonância. Ganhou esse nome por oferecer ao instrumentista a possibilidade de um som leve ou forte na mesma tecla, dependendo da força empregada.

Por muito tempo foi o instrumento preferido das elites. O instrumento, além de ser considerado parte obrigatória da educação das mais refinadas famílias, prestava-se muito bem a saraus e reuniões, opções de convívio social adequadas à sociedade da época, e teve seu auge nos séculos 19 e 20. Por ser

um instrumento caro, até por conta de seu tamanho, era ainda símbolo de status e poder, pois não era qualquer um que podia possuir um piano em casa.

Notícias dão conta de que durante todo o período do Brasil Colônia, a manutenção e até mesmo a fabricação de pianos eram entregues a artesãos. Alguns conseguiram construir pequenas fábricas, mas a pequena produção atendia apenas ao mercado regional e não fazia frente às importações de pianos europeus. No final do século 19 surgiu a primeira fábrica de pianos do Brasil, a Nardelli, em São Paulo, para competir com os instrumentos estrangeiros. Todas as peças eram importadas, e alguns modelos, todos de 85 teclas, possuíam a excelente mecânica americana Pratt-Read.

A partir daí, vários outros empreendedores, muitos deles judeus alemães que migraram para o Brasil e trouxeram na bagagem as técnicas construtivas de pianos, se dedicaram à fabricação desses instrumentos. O país chegou a ter cerca de 90 fábricas, oferecendo instrumentos dos mais variados níveis de qualidade. Marcas como Albert Schmolz, Cirei, Sohn Jeg, Natal, Lichtner, Lux, J. Hoelzl e outras surgiram e desapareceram sem deixar maiores vestígios. Outras, no entanto, se consolidaram e fizeram história.

Hoje o instrumento tem entrado em declínio, e a maioria dos fabricantes clássicos fechou as portas. Em 1909, mais de 364 mil exemplares eram vendidos por ano nos Estados Unidos. Hoje, não passam de 40 mil. Outros instrumentos tomaram o lugar e a preferência dos interessados em fazer música. Antes mais comuns, hoje os pianos são verdadeiras peças de museu.

Muito tempo atrás, na cidade de Guadalupe, Piauí, uma rica família adquiriu a propriedade de um desses instrumentos. Diz-se que era sempre usado em festas e eventos familiares. Um dia, os membros da família viajaram e faleceram vítimas de um acidente de avião.

Depois do evento fatídico que vitimou seus donos, o piano foi doado a uma escola, onde permaneceu jogado em um canto por alguns anos. Volta e meia, alunos, professores e outros funcionários eram surpreendidos com o instrumento tocando sozinho. Fala-se mesmo que um vigia da escola, após um concerto noturno assombroso, pediu demissão.

Acredita-se que o instrumento seja assombrado pelo espírito de um de seus antigos proprietários que, em vida, tinha muito gosto em tocá-lo.

Hoje, "o piano que toca sozinho" encontra-se em um museu daquela cidade, onde muitos funcionários dizem já tê-lo ouvido tocar sozinho. "A antiga funcionária, antes de mim, já ouviu ele tocar. Eu nunca ouvi, se eu ouvir, vou parar de trabalhar, porque vou ficar com medo!", brincou Marize Delmontes, coordenadora do Museu de Guadalupe.



**José Gil Barbosa Terceiro** - Advogado. Folclorista. Gestor do Blog Causos Ausstadores do Piauí.



# O REENCONTRO ENTRE A ÁGUA E O CONDOR

Leonardo Boff

O planeta Terra, devido à sistemática agressão nos últimos séculos, está num franco e perigoso declínio. A intrusão do Covid-19 afetando diretamente todo o planeta e exclusivamente a espécie humana é um entre os severos sinais de que a Terra viva nos está enviando: nosso modo de vida é demasiadamente destrutivo, levando à morte a milhões de seres humanos e outros seres da natureza. Temos que mudar nosso modo produzir, de consumir e de morar na única Casa Comum, caso contrário podemos conhecer um armagedon ecológico-social.

Curiosamente, na contramão desse processo que alguns veem como a inauguração de uma nova era geológica – o antropoceno e o necroceno –, quer dizer, a sistemática destruição de vidas perpetrada pelo próprio ser humano, irrompem os povos originários, portadores de uma nova consciência e de uma vitalidade reprimida por séculos. Estão se refazendo biologicamente e surgindo como sujeitos históricos. Com sua maneira de se relacionar amigavelmente com a natureza e a Mãe Terra, fazem-se nossos mestres e doutores. Sentem-se tão unidos a essas realidades que, defendendo-as, estão se defendendo a si próprios.

Foi grande o equívoco dos invasores europeus de chamá-los de “índios” como se fossem habitantes de uma região da Índia que todos buscavam. Eles, na verdade, se chamavam por vários nomes: Tawantinsuyo, Anauhuac, Pindorama, entre outros. Prevaleceu o nome de Abya Yala, dado pelo povo Kuna do norte da Colômbia e do Panamá, que significava “terra madura, terra viva, terra que floresce”.

Eram povos com seus nomes como taínos, tikunas, zapotecas, astecas, maias, olmecas, toltecas, mexicas, aimaras, incas quíchuas tapajós, tupis, guaranis, mapuches e centenas de outros. A adoção de nome comum Abya Yala faz parte da construção de uma identidade comum, na diversidade de suas culturas e expressão das articulações que os unem num imenso movimento que vai do norte ao sul do continente americano. Em 2007 criaram a Cúpula dos Povos de Abya Yala.

Mas sobre eles pesa uma vasta sombra, que foi o extermínio infligido pelos invasores europeus. Ocorreu um dos maiores genocídios da história. Foram mortos por guerras de extermínio ou por doenças trazidas pelos brancos contra as quais não possuíam imunidade, por trabalhos forçados e mestiçagem forçada, cerca de 70 milhões de representantes destes povos.

Os dados mais seguros foram levantados pela socióloga e educadora Moema Viezzer e pelo sociólogo e historiador canadense radicado no Brasil Marcelo Grondin. O livro, impressionante, com prefácio de Ailton Krenak, leva como título *Abya Yala: genocídio, resistência e sobrevivência dos povos originários das Américas* (Editora Bambual, Rio de Janeiro 2021). Os autores recolhem os dados do genocídio das duas Américas. Eis um pequeno resumo:

No Caribe, em 1492, quando chegaram os colonizadores, havia quatro milhões de indígenas. Anos após, não havia mais nenhum. Todos foram mortos, especialmente no Haiti.

No México, em 1500, havia 25 milhões de indígenas (astecas, toltecas e outros); depois de 70 anos, restaram apenas dois milhões.

Nos Andes existiam, em 1532, 15 milhões de indígenas; em poucos anos, restou apenas um milhão.

Na América Central, em 1492, em Guatemala, Honduras, Belize, Nicarágua, El Salvador, Costa Rica e Panamá havia entre 5,6 e 13 milhões de indígenas, dos quais 90% foram mortos.

Na Argentina, no Chile, na Colômbia e no Paraguai, morreram em média, em alguns países mais em outros menos, cerca de um milhão de indígenas.

Nas Antilhas menores como nas Bahamas, Barbados, Curaçao, Granada, Guadalupe, Trinidad-Tobago e Ilhas Virgens houve o mesmo extermínio quase total.

No Brasil, quando os portugueses aportaram nestas terras, havia cerca de 6 milhões de povos originários de dezenas de etnias com suas línguas. O desencontro violento os reduziu a menos de um milhão. Hoje, infelizmente, devido ao descuido por parte das autoridades, esse processo de morte



continua, indígenas são vítimas do coronavírus. Um sábio da nação Yanomami, o pajé Davi Kopenawa Yanomami relata no livro *A Queda do Céu* o que os xamãs de seu povo estão entrevendo: a corrida da humanidade está rumando na direção de seu fim.

Nos Estados Unidos da América viviam, em 1607, cerca de 18 milhões de povos originários; tempos depois, sobreviveram apenas dois milhões.

No Canadá havia, em 1492, dois milhões de habitantes originários e, em 1933, se contavam apenas 120 mil.

O livro não narra apenas a incomensurável tragédia, mas especialmente as resistências e, modernamente, as várias cúpulas organizadas entre esses povos originários, do sul e do norte das Américas. Com isso, conseguem se reforçar mutuamente, resgatam a sabedoria ancestral dos xamãs, as tradições e as memórias.

Uma lenda-profecia expressa o reencontro desses povos: aquela entre a Águia, representando a América do Norte, e o Condor, representando a América do Sul. Ambos foram gerados pelo Sol e pela Lua. Viviam felizes voando juntos. Mas o destino os separou. A Águia dominou os espaços e quase levou ao extermínio o Condor.

No entanto, quisesse mesmo destino que, a partir da década de 1990, ao se iniciarem as grandes cúpulas entre os distintos povos originários, do sul e do norte, o Condor e a Águia se reencontraram e começaram a voar juntos. Do amor de ambos, nasceu o Quetzal da América Central, uma das mais belas aves da natureza, ave da cosmovisão maia que expressa a união do coração com a mente, da arte com a ciência, do masculino com o feminino. É o começo do novo tempo, da grande reconciliação dos seres humanos entre si, como irmãos e irmãs, cuidadores da natureza, unidos por um mesmo coração pulsante e habitando a mesma e generosa Pachamama, a Mãe Terra.

Quem sabe, no meio das tribulações do tempo presente, em que nossa cultura encontrou seus limites intransponíveis e se sente urgida a mudar de rumo, essa profecia possa ser a antecipação de um fim bom para todos nós. Ainda voaremos juntos, a Águia do Norte com o Condor do Sul, sob a luz benfazeja do Sol, que nos mostrará o melhor caminho.



**Leonardo Boff** - escreveu *O Casamento entre o Céu e a Terra: contos dos povos indígenas do Brasil*, Mar de Ideias, Rio de Janeiro, 2014.



# ELIZABETH TEIXEIRA: EU CONTINUO NA LUTA!

Zezé Weiss



Foto: divulgação





Em 13 de julho de 2021, Elizabeth Teixeira, a militante das lutas do campo brasileiro, liderança das históricas Ligas Camponesas, completou seus 96 invernos. Em 19 de fevereiro, a trabalhadora rural, cidadã nascida no ano de 1925, na fazenda Anta do Sono, no município paraibano de Sapé, distante cerca de 50 quilômetros de João Pessoa, capital da Paraíba, foi vacinada contra a Covid-19.

De Elizabeth Altina Teixeira, a moça da roça, filha de fazendeiro, que teve que enfrentar a família para se casar João Pedro Teixeira, um homem preto, pobre, sem-terra e, ainda por cima, da luta, a longa vida sempre exigiu teima e coragem. Em 1962, com a morte do companheiro, Elizabeth assumiu a liderança do movimento camponês no município de Sapé.

O amor a João Pedro a fez fugir de casa para morar com ele, aos 16 anos. Grávida do segundo filho, mudou-se com João Pedro para Jaboatão dos Guararapes, em Pernambuco, e ali o ajudou a fundar o Sindicato dos Trabalhadores da Construção. Por causa da luta, a João Pedro faltou emprego e a família voltou para a Paraíba onde, ajudada por familiares, produziu seus 11 filhos e passou a liderar a luta das Ligas Camponesas no estado.

“Eu continuo na luta!”. A reação de Elizabeth após o assassinato do companheiro, morto pelas costas, com três tiros de fuzil, fez dela exemplo de resistência para o movimento dos trabalhadores rurais de Sapé, da Paraíba e do Nordeste. Nessa luta renhida, enfrentou o machismo da época e abriu picada que outras mulheres, como a amiga Margarida Maria Alves, pudessem liderar espaço de defesa dos camponeses e camponesas do Nordeste, que viviam, praticamente, em estado de escravidão.

Por conta de sua luta por direitos, terra, trabalho e dignidade, por combater o latifúndio no interior da Paraíba na década de 1960, foi presa diversas vezes, passou a viver na clandestinidade, com o nome de Marta Maria da Costa, em São Rafael, no Rio Grande do Norte, depois do golpe militar de 1964. E, provação maior, viu dois de seus filhos, José Eudes e João Pedro, serem assassinados pelo latifúndio e perdeu a filha mais velha, que se matou, por medo de que a mãe tivesse a mesma sorte do pai.

Os anos de clandestinidade duraram até 1981, quando o cineasta Eduardo Coutinho a reencontrou e a fez protagonista do documentário “Cabra Marcado para Morrer”, iniciado em 1964 e interrompido durante a ditadura militar. Lançado em 1984, “Cabra Marcado para Morrer” é considerado por críticos de cinema como um dos melhores documentários brasileiros de todos os tempos.

No Rio Grande do Norte, Elizabeth sobreviveu como lavadeira de roupa e dando aulas. Ela conta que, mesmo na clandestinidade, nunca deixou de

defender a Reforma Agrária, causa que continua defendendo até os dias de hoje.

Em 2017, em um encontro como presidente Lula, ela disse: “Enquanto houver a fome e a miséria atingindo a classe trabalhadora, tem que haver luta dos camponeses, dos operários, das mulheres, dos estudantes e de todos aqueles que são oprimidos e explorados. A luta não pode parar!”.

Depois de descobrir que havia sido beneficiada pela Lei da Anistia, de 1979, Elizabeth, que vivia “exilada” apenas com um de seus filhos, voltou para a Paraíba, onde, depois de 20 anos, reencontrou a filharada e foi morar em João Pessoa, em casa doada pelo cineasta Eduardo Coutinho.

Aos 81 anos, quando foi homenageada pelo Senado brasileiro, Elizabeth marcou posição em seu discurso de agradecimento:

*“O que eu considero importante é que o nosso povo brasileiro se una, fiquem todos unidos, lutando por uma reforma agrária. A maior alegria da minha vida se eu tomasse conhecimento de que fosse implantada uma reforma agrária em nosso país, e que todos os homens do campo tivessem condições de sobreviver ali na terra, melhorar essas condições do trabalhador da terra, isso aí era o que eu tinha mais prazer na minha vida, e hoje, na idade em que estou, tomasse conhecimento de um movimento desses.”*

O relatório final da Comissão Estadual da Verdade e da Preservação da Memória do Estado da Paraíba, reconhece que o Movimento das Ligas Camponesas, aliado aos sindicatos dos trabalhadores rurais, foi o que melhor retratou a resistência dos povos da terra no cenário de confronto do campo brasileiro durante o regime militar. À frente do espaço de luta aberto pelas Ligas Camponesas, a presença aguerrida de Elizabeth Teixeira não somente fez história, mas também, e principalmente, abriu caminho para que outras mulheres, como Margarida Maria Alves e as que a sucederam pudessem seguir teimando em nome da Resistência.

A anciã serena que, do alto de suas nove décadas de vida, ofereceu o braço para receber a vacina da Covid-19 meses atrás, já recebeu e recebe grandes homenagens, dentre elas o Diploma Bertha Luz, do Senado Federal, e a Medalha Epitácio Pessoa, a mais alta honraria do Estado da Paraíba. E para alegria sua, a casa onde viveu com João Pedro em Sapé foi tombada e hoje abriga o Memorial das Ligas Camponesas.



**Zezé Weiss**

Jornalista. Editora da Revista Xapuri.

 @zezeweiss

**A REFORMA  
ADMINISTRATIVA  
COLOCA EM  
RISCO O SERVIÇO  
PÚBLICO**

**DIGA  
NÃO**  
**À REFORMA  
ADMINISTRATIVA**

A população brasileira será a mais prejudicada se a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) nº 32 da Reforma Administrativa for aprovada pelo Congresso Nacional.

Esta reforma administrativa nada mais é do que uma proposta de sucateamento e privatização do serviço público: serviços que hoje são totalmente gratuitos podem ser privatizados e, portanto, pagos como em qualquer atendimento feito por empresas. Isto significa que os serviços de saúde, educação, poderão ter cobranças de mensalidades, basta o governo decidir por lei ordinária.

É hora de defender o serviço público, antes de todos sermos prejudicados.

[www.napressao.org.br/campanha/diga-nao-a-reforma-administrativa](http://www.napressao.org.br/campanha/diga-nao-a-reforma-administrativa)

**CNTE** Confederação Nacional dos  
Trabalhadores em Educação  
www.cnte.org.br

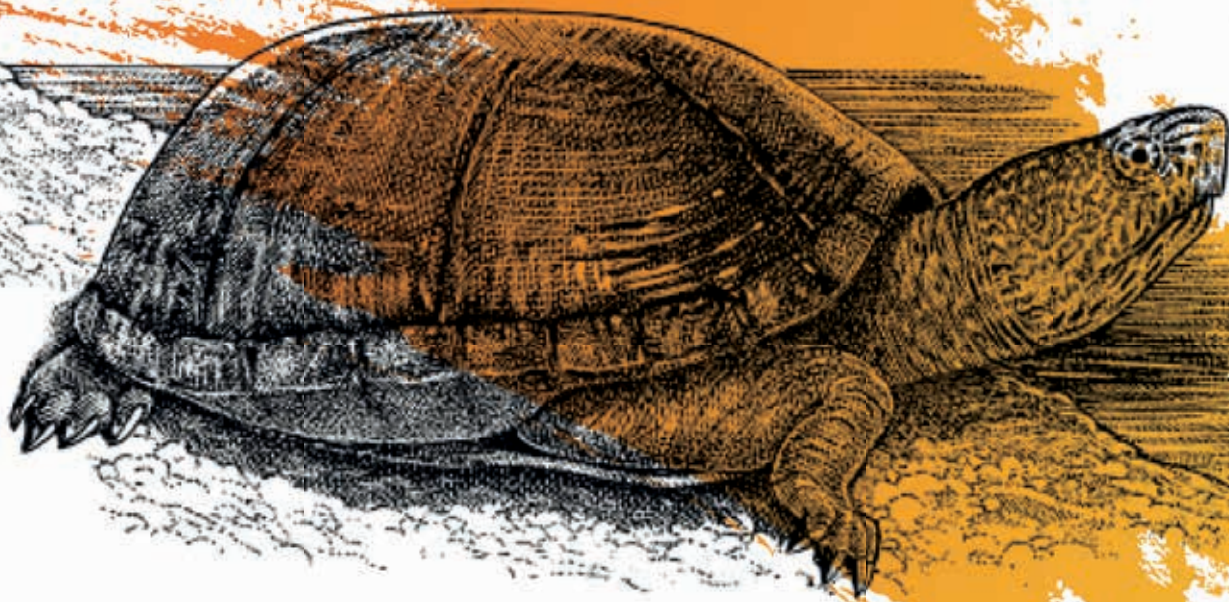
Brasil

Filiada à  
**CUT**  
BRASIL

  
Internacional  
da Educação

  
CEA

**FNPE**  
Fórum Nacional Popular de Educação



## **XAPURI**

### **CAMPANHA ASSINATURA SOLIDÁRIA**

PRA XAPURI ACONTECER, NÓS PRECISAMOS DE VOCÊ.

*VENI COM A GENTE!*

**REVISTA  
IMPRESSA**

**ANUAL**

R\$ **210**,00  
12 EDIÇÕES

**BIANUAL**

R\$ **270**,00  
24 EDIÇÕES

**ASSINE JÁ!**

[WWW.XAPURI.INFO/ASSINE](http://WWW.XAPURI.INFO/ASSINE)

